

AVENIDA ALMIRANTE REIS

UM DISPOSITIVO DA CIDADE DE LISBOA



UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA | DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
AVENIDA ALMIRANTE REIS: UM DISPOSITIVO DA CIDADE DE LISBOA

ANA CAROLINA SOARES DA ROCHA HOGAN TEVES
ORIENTADORES | ARQ^a INÊS LOBO | ARQ^o JOAQUIM MORENO

2018



IMG 01 | AVENIDA ALMIRANTE REIS | ANTIGA AVENIDA DONA AMÉLIA | PRÉMIO VALMOR DE 1908

Agradecimentos

Agradeço a todos os que me apoiaram durante este percurso da minha vida e me fizeram acreditar na arquitetura.

Aos meus pais pelo amor e apoio incansável.

À minha irmã Mariana.

Aos meus avós e primos.

Ao meu namorado Bruno.

Aos meus colegas de trabalho, amigos e companheiros de faculdade.

Aos meus mestres e professores por todo o conhecimento que transmitiram ao longo destes anos.



ÍMG 02 | FOTOGRAFIA AÉREA DA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES E ZONA DO AREEIRO | 1950

ÍNDICE GERAL

RESUMO | ABSTRACT 09

ÍNDICE DE IMAGENS 11

ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS 13

FOTOGRAFIA

DISPOSITIVO E TEMA 15

DUARTE BELO 21

HENRI CARTIER-BRESSON 23

ROBERT SMITHSON 25

STEPHEN SHORE 27

GÉNESE

AVENIDA ALMIRANTE REIS 31

AVENIDA ALMIRANTE REIS | MAPA DE PISOS 37

AVENIDA ALMIRANTE REIS | MAPA DE CONSERVAÇÃO 39

RUA DAS BARRACAS 47

DIAPOSITIVO

TRANSFORMAÇÃO 57

TRANSFORMAÇÃO | RUA 65

TRANSFORMAÇÃO | ARQUIVO 69

TRANSFORMAÇÃO | ESPAÇO EXPOSITIVO 73

CONCLUSÃO 95

BIBLIOGRAFIA 97

WEBGRAFIA 99



IMG 03 | AVENIDA ALMIRANTE REIS | ANTIGA AVENIDA DONA AMÉLIA | PRÊMIO VALMOR DE 1908

RESUMO

AVENIDA ALMIRANTE REIS | UM DISPOSITIVO DA CIDADE DE LISBOA

O propósito desta dissertação é refletir sobre a cidade de Lisboa, mais concretamente sobre a Avenida Almirante Reis. A abordagem ao projeto, é feita a partir da construção e da reapropriação do espaço público sobre uma área desqualificada e desadequada à vida quotidiana, a Rua das Barracas.

O exercício proposto pretende reabilitar uma área da cidade que está em constante degradação e abandono, conta com uma memória e ideologia de lugar como já fomos habituados na cidade de Lisboa. Assim sendo, a principal preocupação é dar uma nova vida a este lugar, permitindo um novo olhar para a Avenida Almirante Reis e, por acréscimo, para a cidade.

Pretende-se transformar este lugar através da demolição de espaços abandonados e esquecidos ao longo do tempo, aproveitando o seu potencial para a regeneração de um espaço que se quer coletivo, criando-se assim uma nova dinâmica de ocupação do espaço público e devolvendo um passado adormecido ao bairro e à cidade.

O programa surge com a criação de um novo edifício para receber o Arquivo Fotográfico, que comunica a outro que me proponho reabilitar, com o objetivo de oferecer à população não só uma nova perspetiva do passado, do presente, mas acima de tudo, uma nova interação com o futuro, restabelecendo a ligação entre a Avenida Almirante Reis e o Campo Santana.

PALAVRAS-CHAVE | Avenida Almirante Reis, Rua das Barracas, Requalificação, Reabilitação, Fotografia

ABSTRACT

ALMIRANTE REIS AVENUE | A DEVICE FROM THE CITY OF LISBON

The purpose of this dissertation is to reflect on the city of Lisbon, more concretely on the Almirante Reis Avenue. The approach to the project is made from the construction and reappropriation of the public space over an area disqualified and unsuitable for everyday life, Barracas street.

The proposed exercise aims to rehabilitate an area of the city that is constantly degraded and abandoned, has a memory and ideology of place as we have been accustomed in the city of Lisbon. So, the main concern is to give a new life to this place, allowing a new look at Almirante Reis Avenue and, in addition, to the city.

The aim is to transform this place through the demolition of abandoned and forgotten spaces over time, taking advantage of its potential for the regeneration of a space that is wanted collectively, creating a new dynamic of the occupation of public space and returning a past asleep to the neighborhood and to the city.

The program comes with the creation of a new building to receive the Photographic Archive, which communicates to another that I propose to rehabilitate, in order to offer the population not only a new perspective of the past but above all, a new interaction with the future, reestablishing the link between Almirante Reis Avenue and Campo Santana.

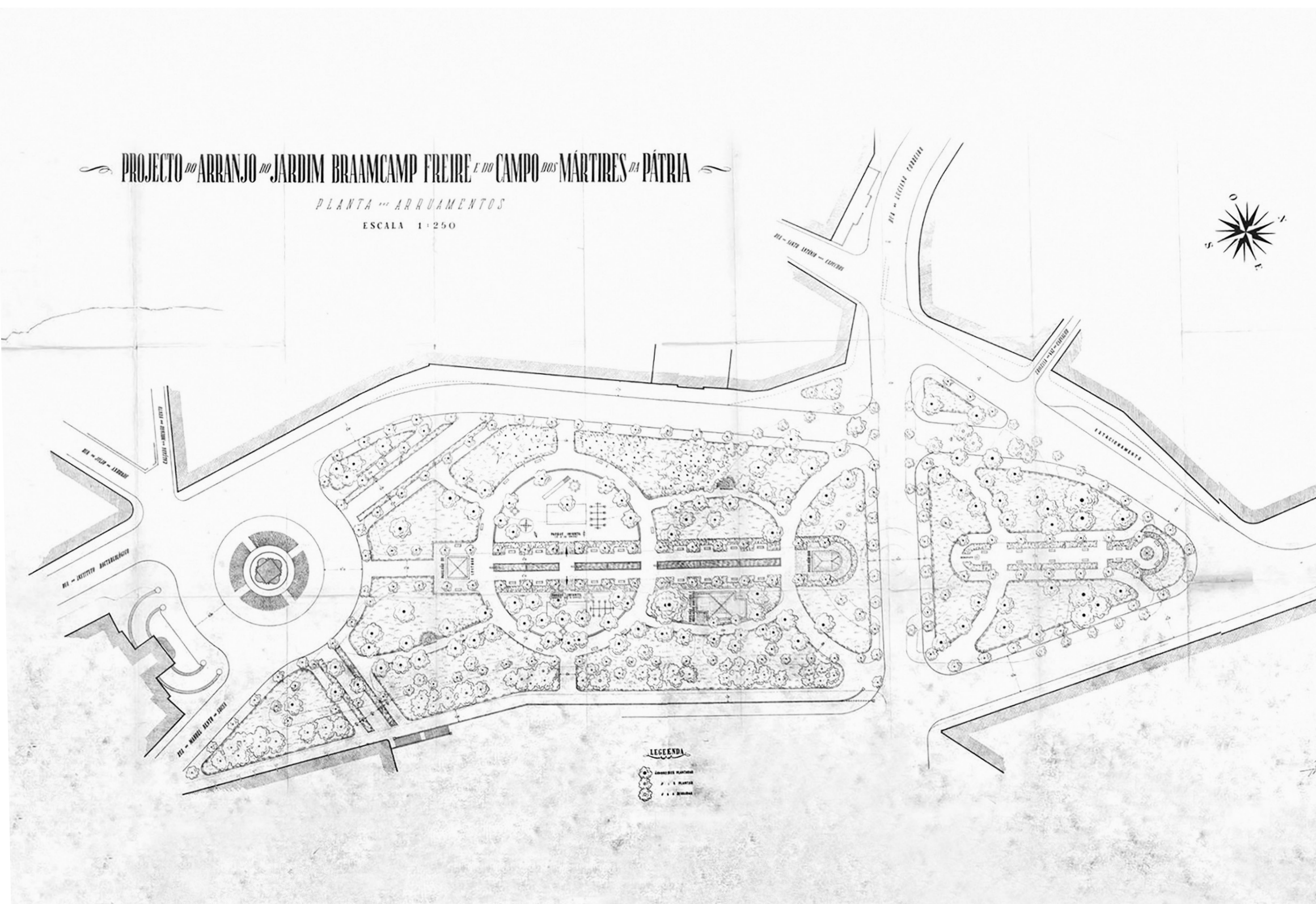
KEYWORDS | Almirante Reis Avenue, Barracas Street, Requalification, Rehabilitation, Photography



ÍMG 04 | RUA DA PALMA, DEPOIS DAS DEMOLIÇÕES | 1952

ÍNDICE DE IMAGENS

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 2 – 2K / LARGO DO INTENDENTE, 1-6 ANTIGA AVENIDA DONA AMÉLIA FOTÓGRAFO NÃO IDENTIFICADO PRÉMIO VALMOR DE 1908	IMG.01.	04
FOTOGRAFIA AÉREA DA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES E ZONA DO AREIRO AUGUSTO DE ABREU NUNES IN AML 1950	IMG.02.	06
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 2 – 2K / LARGO DO INTENDENTE, 1-6 ANTIGA AVENIDA DONA AMÉLIA PAULO GUEDES IN AML PRÉMIO VALMOR DE 1908	IMG.03.	08
RUA DA PALMA, DEPOIS DAS DEMOLIÇÕES FIRMINO MARQUES DA COSTA IN AML 1952	IMG.04.	10
PROJETO DO ARRANJO DO JARDIM DA BRAAMCAMP FREIE E DO CAMPO MÁRTIRES DA PÁTRIA ARQUITETO NÃO IDENTIFICADO DATA DESCONHECIDA	IMG.05.	12
ESCADARIA, LIGAÇÃO VERTICAL ENTRE A RUA SANTA BÁRBARA E A RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.06.	14
ZONA DEBILITADA, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.07.	15
EDIFÍCIO DEVOLUTO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.08.	
ESCOLA BAUHAUS, EM DESSAU WALTER GROPIUS 1930	IMG.09.	16
PERCURSO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.10.	17
ARQUIPÉLAGO - CONTEMPORARY ARTS CENTER MENOS É MAIS / JOSÉ MENDES RIBEIRO FOTOGRAFIA DE JOSÉ CAMPOS 2014	IMG.11.	18
REQUALIFICAÇÃO DA ZONA ENVOLVENTE AO MOSTEIRO DE ALCobaça GONçALO BYRNE / J.P. FALçÃO DE CAMPOS FOTOGRAFIA DE FERNANDO GUERRA 2006	IMG.12.	
DETALHE, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.13.	19
DETALHE, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.14.	
DETALHE DO CADERNO DE CAMPO DE ORLANDO RIBEIRO, VALE DE LOBOS ORLANDO RIBEIRO 1997	IMG.15.	20
EDIFÍCIOS PARCIALMENTE RECUPERADOS, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.16.	
MÁQUINA FOTOGRÁFICA LEICA ORLANDO RIBEIRO 1997	IMG.17.	21
ESTUDO DE ITINERÁRIOS PARA O TRABALHO DE CAMPO DUARTE BELO DATA DESCONHECIDA	IMG.18.	
HAUTE-NORMANDIE SEINE-MARITIME ROUEN, FRANCE HENRI CARTIER-BRESSON 1956	IMG.19.	22
EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.20.	
SUNDAY IN AUTEUIL PARIS HENRI CARTIER-BRESSON 1945-1946	IMG.21.	23
BRESSON BIRDS PARIS HENRI CARTIER-BRESSON 1952	IMG.22.	
VISTA AÉREA DA SPIRAL JETTY ROBERT SMITHSON 1970	IMG.23.	24
EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.24.	
ESQUIÇO DA SPIRAL JETTY ROBERT SMITHSON 1970	IMG.25.	25
A TOUR OF THE MONUMENTS OF PASSAIC ROBERT SMITHSON 1967	IMG.26.	
UNCOMMON PLACES_The Complete Works MERCED RIVER_YOSEMITE NATIONAL PARK_CALIFORNIA STEPHEN SHORE 1979	IMG.27.	26
EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.28.	
UNCOMMON PLACES_The Complete Works PRESIDIO_ Texas STEPHEN SHORE 1975	IMG.29.	27
GINGER SHORE_CAUSEWAY INN_TAMPA_FLÓridA CENTRO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA_APERTURE FOUNDATION STEPHEN SHORE 1977	IMG.30.	
AJARDINAMENTO DO CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA PAULO GUEDES IN AML 1907	IMG.31.	28
OLISIPO LISBOA NO SÉC. XVI AUTOR DESCONHECIDO	IMG.32.	30
AVENIDA ALMIRANTE REIS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.33.	
DETALHE PÉTREO, AVENIDA ALMIRANTE REIS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.34.	31
EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.35.	
PRAÇA DO AREIRO, LISBOA FOTOGRAFIAS: HORÁCIO DE NOVAIS, IN BIBLIOTHECA D’ ARTE DA F.C.G. 1955	IMG.36.	32
EDIFÍCIO DEVOLUTO NA CALÇADA DO DESTERRO CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.37.	
DETALHE PÉTREO DO EDIFÍCIO DA PORTUGÁLIA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.38.	33
VIVÊNCIA NA AVENIDA ALMIRANTE REIS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.39.	
EDIFÍCIOS DEVOLUTOS NO PAÇO DA RAINHA JUNTO AO CAMPO SANTANA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.40.	34
EDIFÍCIO JUNTO AO HOSPITAL DE ARROIOS, AVENIDA ALMIRANTE REIS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.41.	39
HOSPITAL DE ARROIOS, AVENIDA ALMIRANTE REIS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.42.	
HOSPITAL DO DESTERRO, AVENIDA ALMIRANTE REIS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.43.	
EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.44.	43
EDIFÍCIO EM RECUPERAÇÃO NA CALÇADA DO DESTERRO CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.45.	
DETALHE DA FACHADA DO EDIFÍCIO DEVOLUTO DA PORTUGÁLIA, AVENIDA ALMIRANTE REIS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.46.	
EDIFÍCIO DEVOLUTO DA ANTIGA FÁBRICA DOS TECIDOS, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.47.	44
LIVROS: “ALEGORIA DO PATRIMÓNIO” E “L’URBANISME, UTOPIES ET RÉALITÉS” FRANÇOISE CHOAY	IMG.48.	46
LARGO DO CABEÇO DE BOLA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.49.	
CONJUNTO DE EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.50.	47
EDIFÍCIO DEVOLUTO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.51.	
CONJUNTO DE EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.52.	
PLANTA DE PARIS, ANTES DA REFORMA URBANA HAUSSMANN 1853	IMG.53.	48
PLANTA DE BARCELONA CERDÀ 1859	IMG.54.	
VIVÊNCIA DA RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.55.	49
RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.56.	
MURO, RUA SANTA BÁRBARA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.57.	
UNE CITÉ INDUSTRIELLE TONY GARNIER 1917	IMG.58.	50
BROADACRE CITY FRANK L. WRIGHT 1932	IMG.59.	
DETALHE DA RUÍNA, LARGO DO CABEÇO DE BOLA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.60.	51
PERCURSO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.61.	
ZONA DE CONFLITO URBANO, RUA SANTA BÁRBARA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.62.	
VISTA DO GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS DA RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.63.	52
DETALHE DA PASSAGEM ENTRE OS EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.64.	54
MURO, RUA SANTA BÁRBARA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.65.	55
DEGRADAÇÃO VISÍVEL NAS RUÍNAS DO LARGO DO CABEÇO DE BOLA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.66.	
EDIFÍCIO DEVOLUTO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.67.	
RUÍNA, LARGO DO CABEÇO DE BOLA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.68.	
RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.69.	
DETALHE DA PORTA NA RUÍNA, LARGO DO CABEÇO DE BOLA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.70.	56
DETALHE DA PASSAGEM ENTRE OS EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.71.	57
CHAROLA DO CONVENTO DE CRISTO, TOMAR	IMG.72.	58
DETALHE DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.73	
ZONA DE DESCAMPADO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.74	59
LARGO DO CABEÇO DE BOLA CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.75	
PIAZZA DELLA SCALA LOPES BRENNa / MORAMARCO / VENTRELLA / ANTONELLA BERARDI URBAN COMPETICION MILÃO, ITÁLIA 2015	IMG.76	65
EDIFÍCIO DEVOLUTO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.77	
ZONA DE CONFLITO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.78	66
ZONA DE CONFLITO URBANO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.79	70
ZONA DE DESCAMPADO, RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.74	71
DETALHE DA RUÍNA, BECO DO FÉLIX CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.80	73
RUA SANTA BÁRBARA CAROLINA HOGAN 23 DEZ. 2017	IMG.81	89
LIVRO DE VITRUVIO 1747	IMG.82	94
ARRUMANENTO DA RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.83	
RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.69	96
RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN 18 DEZ. 2016	IMG.84	98



IMG 05 | PROJETO DO ARRANJO DO JARDIM DA BRAAMCAMP FREIE E DO CAMPO MÁRTIRES DA PÁTRIA.

ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS

FILIPE FOLQUE CML MAPA DE 1856/58	PD.01	35
SILVA PINTO CML MAPA DE 1911	PD.02	
AVENIDA ALMIRANTE REIS MAPA DE PISOS ESCALA 1.5000 CAROLINA HOGAN	PD.03	37
AVENIDA ALMIRANTE REIS MAPA DE CONSERVAÇÃO ESCALA 1.5000 CAROLINA HOGAN	PD.04	41
DIAGRAMA DA PROPOSTA CAROLINA HOGAN	PD.05	57
PLANTA GERAL ESCALA 1.400 CAROLINA HOGAN	PD.06	61
CORTE A E B ESCALA 1.400 CAROLINA HOGAN	PD.07	63
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA VISTA DA PRAÇA E DO ANFI-TEATRO CAROLINA HOGAN	PD.08	66
AXONOMETRIA DO ARQUIVO CAROLINA HOGAN	PD.09	67
ESQUEMA DO CIRCUITO DO DOCUMENTO DENTRO DO ARQUIVO CAROLINA HOGAN	PD.10	68
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA PERSPECTIVA DO INTERIOR DO ARQUIVO CAROLINA HOGAN	PD.11	69
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA PERSPECTIVA DO INTERIOR DO ARQUIVO CAROLINA HOGAN	PD.12	
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA VISTA DA ENTRADA DO ARQUIVO CAROLINA HOGAN	PD.13	
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA TRANSFORMAÇÃO DA ZONA DE CONFLITO NUMA ZONA DE ESTADIA CAROLINA HOGAN	PD.14	70
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA VISTA DA CHEGADA À PRAÇA E AO ANFITEATRO PERCORRENDO A TOTALIDADE DA RUA DAS BARRACAS CAROLINA HOGAN	PD.15	71
FÁBRICA DOS TECIDOS CML DESENHOS DE 1886	PD.16	72
FÁBRICA DOS TECIDOS CML DESENHOS DE 1892	PD.17	
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA PERSPECTIVA DO ESPAÇO EXPOSITIVO, PISO 0 CAROLINA HOGAN	PD.18	73
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA PERSPECTIVA DO ESPAÇO EXPOSITIVO, PISO 1 CAROLINA HOGAN	PD.19	
PLANTA DO ARQUIVO PISO 0 ESCALA 1.200 CAROLINA HOGAN	PD.20	75
PLANTA DO ARQUIVO PISO 1 ESCALA 1.200 CAROLINA HOGAN	PD.21	77
PLANTA DO ESPAÇO EXPOSITIVO PISO 0 ESCALA 1.200 CAROLINA HOGAN	PD.22	79
PLANTA DO ESPAÇO EXPOSITIVO PISO 1 ESCALA 1.200 CAROLINA HOGAN	PD.23	81
CORTE C ESCALA 1.200 CAROLINA HOGAN	PD.24	83
CORTE D ESCALA 1.200 CAROLINA HOGAN	PD.25	85
CORTE E ESCALA 1.200 CAROLINA HOGAN	PD.26	87
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA ENTRADA DO ARQUIVO, COM O ACESSO PÚBLICO À PRAÇA E RELAÇÃO COM A RUA SANTA BÁRBARA CAROLINA HOGAN	PD.27	89
CORTE CONSTRUTIVO ESCALA 1.50 CAROLINA HOGAN	PD.28	91
CORTE CONSTRUTIVO ESCALA 1.20 CAROLINA HOGAN	PD.29	93
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA VISTA DA VIVÊNCIA CRIADA NA NOVA PRAÇA CAROLINA HOGAN	PD.30	96
IMAGEM EM 3D DA PROPOSTA VISTA GERAL SOBRE A VIVÊNCIA CRIADA NA NOVA PRAÇA CAROLINA HOGAN	PD.31	98

FOTOGRAFIA

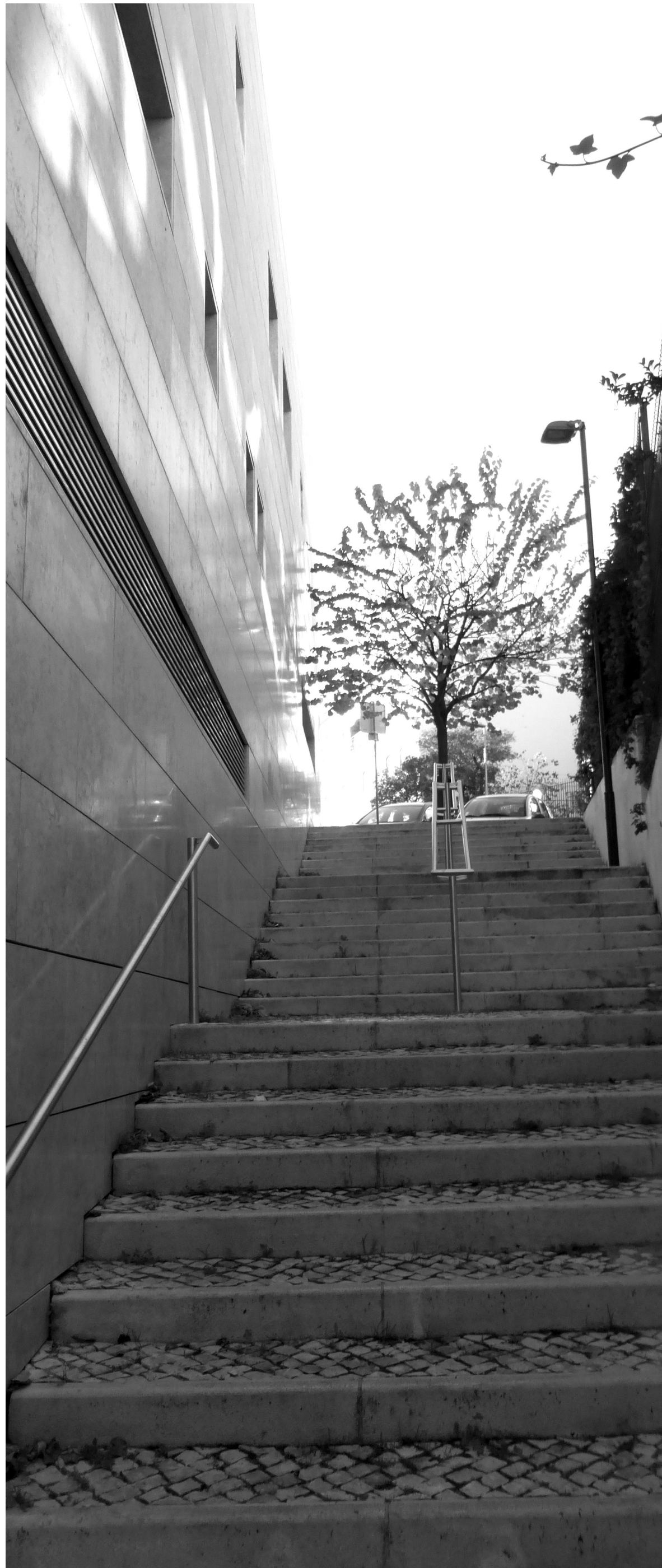
DISPOSITIVO E TEMA

DUARTE BELO

HENRI CARTIER-BRESSON

ROBERT SMITHSON

STEPHEN SHORE



IMG 06 | ESCADARIA, RUA DAS BARRACAS

FOTOGRAFIA | DISPOSITIVO E TEMA

Dispositivo ou *Dispositif* é um termo utilizado pelo francês Michel Foucault ¹ que se refere a este termo como sendo um mecanismo ou uma estrutura. Na sua entrevista de 1977, intitulada “A Confissão da Carne” explica que *dispositif* pode ter vários sinónimos, tal como máquina, construção, implantação e aparelho.

Desta forma, quando Foucault é questionado sobre o verdadeiro significado da palavra e este responde que “*o que estou tentando entender com este termo é, em primeiro lugar, um conjunto completamente heterogêneo que consiste em discursos, instituições, formas arquitetónicas, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, declarações científicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas - em suma, tanto o dito como o não dito. Tais são os elementos do dispositivo. O próprio dispositivo é o sistema de relações que pode ser estabelecido entre esses elementos. Em segundo lugar, o que estou tentando identificar neste aparato é precisamente a natureza da conexão que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Assim, um discurso particular pode figurar em um tempo como o programa de uma instituição, e em outro ele pode funcionar como um meio de justificar ou mascarar uma prática que permanece silenciosa, ou como uma reinterpretação secundária dessa prática, abrindo para isso, um novo campo de racionalidade. Resumindo, entre esses elementos, discursivos ou não-discursivos, há uma espécie de interação de mudanças de posição e modificações de função que também podem variar muito amplamente. Em terceiro lugar, eu entendo pelo termo “aparato” uma espécie de formação - digamos - que tem como principal função, em dado momento histórico, a resposta a uma necessidade urgente. O aparelho, portanto, tem uma função estratégica dominante. Isto pode ter sido, por exemplo, a assimilação de uma população flutuante considerada pesada para uma economia essencialmente mercantilista: havia um imperativo estratégico agindo aqui como a matriz de um aparato que gradualmente empreendeu o controle ou sujeição da loucura, doença sexual e neurose.*”²

Um dispositivo fotográfico funciona como uma máquina que faz disparar intensidades, cores, sombras, formas, linhas e volumes, que produzem as imagens. A fotografia é um dispositivo.

A primeira fotografia conhecida remonta a 1826 sendo da autoria do francês Joseph Nicéphore Niépce³, que procurou um novo modo de imprimir imagens e de as reproduzir mais facilmente. Em 1813 ele revestiu peltre⁴ com várias substâncias sensíveis à luz com o objetivo de copiar gravuras.



IMG 07 | RUA DAS BARRACAS

Contudo só em 1816 evoluiu as suas pesquisas e conseguiu desenvolver, através de uma câmara, uma imagem em papel sensibilizado com cloreto de prata. Em 1826 conseguiu criar uma imagem da sua oficina numa placa de estanho, sendo esta a primeira imagem fixa permanentemente da história. Tinha sido feita a primeira fotografia.

A fotografia tornou-se um elemento identificável e indispensável para o Homem, devido à sua forma de expressar a realidade e de demonstrar o conhecimento adquirido. Antes, a pintura e a escrita explicavam de forma irrealista a realidade das imensas cidades e das grandes obras arquitetónicas; contudo, desenvolvendo o conhecimento sobre a fotografia começou-se a entender que o mundo era fácil de representar. A sua representação e compreensão passaram a ser reais e objetivas.

Com a nova técnica passou a ser possível criar uma linha direta entre o espaço vivido através do observador e do espaço representado na imagem. Construiu-se um testemunho fidedigno que regista as várias transformações urbanas e temporais, de forma a revelar um olhar crítico sobre a cidade e a relação entre o Homem e a Natureza que o circunda. A fotografia adquiriu uma leitura entre o espaço e o tempo que permite observar a reminiscência e a metamorfose dos lugares. Desta forma, esta nova arte de ver, reuniu alguns aspetos importantes para a compreensão do espaço. O olhar, o conhecer, o transformar, o analisar uma imagem estática, permite ao seu observador um entendimento sobre o passado e o presente, podendo apreciar o objeto através dos seus impulsos causados pelo imaginário.

A fotografia não representa só uma imagem estática que nos provoca algum sentimento, tal como uma peça de arte, mas também altera o nosso pensamento sobre o que observamos, pelo espaço e tempo que manipulamos e criamos uma nova perceção sobre o momento captado.

A experiência mais profunda que a fotografia nos pode dar, a nós arquitetos, é a forma como ajuda a construir e a transformar a ideia do lugar, do espaço. “*A única maneira que o fotógrafo tem de perceber um lugar, e dele ter experiência, é olha-lo e voltar a olha-lo, percorre-lo e a ele regressar para comparar entre si os objectos nele presentes e estudar as suas relações. Nesta laboriosa actividade, a fotografia torna-se uma maneira de olhar mais e de evidenciar relações: a fotografia, estamos disso certos, vê mais do que nós e, portanto, através da fotografia talvez seja mesmo possível uma mais profunda experiência física, perceptiva, intelectual - logo histórica também - dos lugares, do que através da vida.*”⁵



IMG 08 | RUA DAS BARRACAS

A palavra fotografia vem do grego phosgraphein, que significa “marcar a luz”, “registrar a luz” ou “desenhar na luz”, φως [fós] (luz), e γραφίς [grafis] (estilo) ou γραφή grafê, e significa “desenhar com luz e contraste”.

1 | MICHEL FOUCAULT (1926-1984) | Filósofo e crítico literário francês, que abordava várias teorias entre a relação do poder e do conhecimento, de onde poderiam ser utilizadas como uma forma de controlo social e institucional. Foucault é evocado como pós-modernista, mas prefere identificar os seus pensamentos como críticas à modernidade, de onde as suas noções teóricas influenciam outros teóricos e académicos. Desenvolveu trabalhos na área social contra o racismo e as práticas sociais dos sistemas, expondo os problemas das penitenciárias, instituições académicas de qualquer tipo, alas psiquiátricas e de psicanálise e a própria sexualidade que seria um tema tabu na época.

2 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <A CONFISSÃO DA CARNE (1977) ENTREVISTA. EM POWER / KNOWLEDGE SELECTED ENTREVISTAS E OUTROS ESCRITOS (ED COLIN GORDON), 1980: PP. 194-228>

3 | JOSEPH NICÉPHORE NIÉPCE (1765-1833) | Inventor francês responsável pela primeira fotografia. Experimentou vários tipos de químicos e processos para conseguir gravar uma imagem. Contudo só em 1826 conseguiu fixar a imagem através do processo de heliografia.

4 | PELTRE | Liga de chumbo e estanho, à qual por vezes se adiciona cobre para aumentar a ductilidade e antimónio para a endurecer.

5 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: PORTUGAL. Centro Cultural de Belém; co-autor VALTORTA, Roberta. Gabriele Basilico: a experiência dos lugares: fotografias 1978-1993. Tavagnacco : Art &, 1997. ISBN 88- 86550-04-9. p.4

6 | JOSÉ CAMPOS (1981-x) | Nasceu no Porto e formou-se em arquitetura e em design gráfico. Desde 2006, escolheu uma carreira profissional como fotógrafo arquitetónico, viu o seu trabalho ser publicado, e colaborou com revistas nacionais e internacionais.

7 | HENRI CARTIER-BRESSON (1908-2004) | Fotógrafo, desenhista e fotojornalista francês. Após ter descoberto a sua paixão à fotografia e de ter trabalhado como fotojornalista, em 1940 torna-se prisioneiro, mas em 1943 escapa e junta-se a uma organização que auxilia prisioneiros e fugitivos. Em 1945 fotografa a libertação de um grupo de jornalistas em Paris. Em 1952 regressa à Europa depois de ter experienciado a vivência no Oriente onde fotografou os imperiais chineses, entre outros. A partir de 1968 reduz as suas produções fotográficas dedicando-se ao desenho e à pintura. | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <http://pro.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31_10_VForm&ERID=24KL53ZMYN>

8 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: COLOMINA, Beatriz – Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media. 4ªed. Cambrigde (Mass.): MIT Press, 1998. [Architecture is more than buildings that we can experience firsthand, it also exists as a representation through drawings, photographs, writings, films, or advertisings.]

9 | BAUHAUS | Foi fundada em 1919 na cidade de Weimar, na Alemanha, pelo arquiteto Walter Gropius. Esta escola de artes, design e arquitetura foi considerada a pioneira e a mais influente do século XX devido às suas disciplinas e aos seus dotados docentes. Em 1925 a instituição mudou de localização para a cidade de Dessau, onde o seu fundador projetou um edifício que seguia os conceitos e ideologias defendidas pela escola. Este projeto tinha linhas simples, assimétricas e era construído com armações de aço e parede com cortinas de vidro. Esta obra marcava o princípio do estilo moderno Bauhaus que foi seguido por muitos nomes importantes do mundo das artes. Foram desenvolvidas várias oficinas de artes e ofícios dentro da instituição e uma delas era a área de tipografia, que inicialmente tinha sido concebida como um meio de comunicação. Depressa se revelou uma mais valia e um método de estabelecer uma ligação com a publicidade. Facilmente começou a usar a fotografia como linguagem e elemento gráfico que servia de símbolo visual da escola. Após muitas turbulências, em 1930, a academia viu-se mais uma vez a ser transferida para outra cidade, sendo esta Berlim. Todavia as suas instalações eram reduzidas e minoritárias para o número de artes que se ensinavam, até que no ano de 1933 as portas da escola foram encerradas. Os seus docentes emigraram para os Estados Unidos onde lecionaram em variadas instituições de ensino que viriam a ser influenciadas pelo novo estilo da Bauhaus.

10 | WALTER ADOLPH GROPIUS (1883-1969) | Arquiteto alemão fundador da Bauhaus, escola de artes, design e arquitetura na Alemanha. Trabalhou com grandes nomes da arquitetura e das artes, mas em 1928 demitiu-se da instituição para lecionar em Harvard.



IMG 09 | ESCOLA BAUHAUS, EM DESSAU | WALTER GROPIUS | 1930

Utilizando esta nova técnica como auxílio no estudo da disciplina da arquitetura, compreendemos que esta estabelece uma relação entre o observador e a realidade, de forma a definir uma forma de refletir sobre os vários domínios do conhecimento e da análise crítica.

*“Na arquitetura, é importante compreender a profundidade, o contraste entre luz e sombrio, cheio e vazio e, principalmente, o enquadramento, que eu acredito ser o mais importante. São boas fotografias as que provocam emoções, sensações.”*⁶

A fotografia não representa só a realidade, mas também o imaginário, que é alterada de acordo com o seu observador. A forma como sente a forma e o espaço altera e manipula a sua perceção. Usa-se a fotografia para captar a construção de um lugar. É através de uma imagem, num determinado momento temporal, que toda a informação sobre o espaço é contida na dimensão definida da imagem, algo que não é possível captar através do olhar. Desta forma substitui-se a imagem fixa na memória por uma imagem real.

A fotografia tornou-se uma forma de arte, que representa um olhar sensível sobre as cidades, edificações e elementos construídos ao longo do tempo, tanto pelo Homem como pela Natureza. A arquitetura e a fotografia são uma dupla que se inspiram mutuamente. A fotografia expandiu a visão de vários artistas, ajudou a analisar as cores, os ambientes, as geometrias, as luzes e as ausências. *“Fotografar, é colocar na mesma linha, a cabeça, o olho e o coração.”*⁷

Esta nova forma de registo veio facilitar a forma como o observador, por vezes o arquiteto, classifica, mostra e guarda o seu trabalho. Com a modernidade, as fotografias tornaram-se um elemento insubstituível pelo conhecimento que se



Img 10 | PERCURSO, RUA DAS BARRACAS

retira de um ambiente, de um espaço público, de um monumento, de um edifício, etc. Este requer enquadramentos e perspectivas, pormenores e iluminação, formas e linhas simples, tal como um desenho e um projeto de arquitetura.

*“A arquitetura é mais do que os edifícios que podemos experimentar em primeira mão, também existe como uma representação através de desenhos, fotografias, escritos, filmes ou publicidade.”*⁸

A criação da Bauhaus⁹ (escola de design, arquitetura e artes plásticas na Alemanha) fez com que o pensamento dos modernistas alterasse e transformasse a forma como pensar e trabalhar o espaço. Esta escola, fundada por Walter Gropius¹⁰ em 1919, representou um centro de apresentação das novas tendências artísticas modernas que utilizavam a madeira, o aço e o vidro, como materiais inovadores. Unia a arte e o artesanato com as funcionalidades dos produtos de linhas simples que vinham substituir o conceito “antigo” que a construção e a arte tinham até então.

A fotografia confere uma imensidade de usos e aplicações como ferramenta de representação. Os aspetos técnicos e científicos fazem com que a fotografia se separe em dois tipos: a fotografia técnica e a fotografia de autor. Existem alguns trabalhos e referências que apoiam estas duas definições da fotografia, *“Outras Américas”* de Sebastião Salgado¹¹, *“Sobre Fotografia”* de Susan Sontag¹², *“Como ler uma fotografia”* de Richard Salkeld¹³, *“Gênesis”* de Sebastião Salgado¹¹, *“Tête à tête”* de Henri Cartier-Bresson⁷, *“Fotografia Básica”* de Michael Langford¹⁴ e *“Portugal- Luz e Sombra”* de Duarte Belo.¹⁵

A fotografia de autor é uma representação da visão pessoal. O autor interage e manipula o ambiente como pretende de forma a captar a imagem como quer, revelando uma visão pessoal da realidade. A fotografia técnica mostra um maior compromisso na representação do lugar ou do objeto fotografado, e tenta aproximar-se o máximo da realidade sem deixar a imaginação interromper o seu objetivo.

Em qualquer uma das abordagens sobre as técnicas da fotografia é preciso sentir o lugar, o espaço, o ambiente, o objeto sobre vários pontos de vista. A fotografia na arquitetura não tem só a intenção de registar o momento, mas também fixa as linhas, as formas, os desenhos técnicos, as perspectivas, as tipologias, as formas de construir, etc.

Em Portugal não se sabe ao certo o surgimento da fotografia. Devido à falta de informação não se consegue datar com precisão o seu aparecimento. Contudo em 1849, na Exposição Industrial de Lisboa o tema fotografia esteve pela primeira vez presente no país.

11 | SEBASTIÃO RIBEIRO SALGADO JÚNIOR (1944 - x) | Economista, arquiteto e fotógrafo brasileiro, trabalhou em vários países até que em 1973 iniciou o seu trabalho como fotojornalista em Paris. Durante dezanove anos editou vários livros ligados ao tema fotografia, entre eles, “Outras Américas”, “Êxodos”, “África”, “Gênesis”.

12 | SUSAN SONTAG (1933 - 2004) | Foi escritora, crítica de artes e ativista. Escreveu vários ensaios que foram publicados em revistas e jornais. Escrevendo também livros de ficção e não ficção conseguindo com eles ganhar alguns prêmios.

13 | RICHARD SALKELD (DATAS DECONHECIDAS) | Professor de História e Teoria da Arte e da Fotografia na Escola de Arte e Design da Universidade no Reino Unido. Os seus principais pontos de interesse na arte são o minimalismo e a fotografia de rua.

14 | MICHAEL LANGFORD (1933 - 2000) | Professor, escritor e fotógrafo inglês. Juntou-se ao Royal College of Art como tutor de fotografia em 1967 e só abandonou o seu posto trinta anos depois. Realizou vários trabalhos ligados à fotografia tendo se debruçado sobre as construções industriais.

15 | DUARTE BELO (1968 – x) | Arquiteto e fotógrafo português, tem vindo a desenvolver trabalhos fotográficos desde 1989 contando com exposições, conferências e seminários. Da sua maior obra documental sobre Portugal conseguiu arquivar no espólio pessoal mais de novecentas mil imagens sobre a paisagem portuguesa e as suas formas de ocupar os cheios e os vazios.

16 | JOAQUIM POSSIDÔNIO NARCISO DA SILVA (1806-1896) | Arquiteto, arqueólogo e fotógrafo português, trabalhou enquanto arquiteto para a Casa Real Portuguesa. Integrou diversas associações relacionadas com a arquitetura e arqueologia e publicou alguns trabalhos sobre as mesmas.

17 | AUGUSTO XAVIER MOREIRA (DATAS DECONHECIDAS) | Fotógrafo português, realizou um levantamento dos monumentos nacionais e concretizou, de 1865-68, dois livros com elementos fotográficos sobre Portugal intitulados “Álbum Lisboense” e “Monumentos Nacionais”.

18 | FRANCISCO ROCCHINI (1822-1895) | Fotógrafo italiano que se estabeleceu em Portugal em 1847, trazendo vários conhecimentos de construção de aparelhos fotográficos. Registou monumentos por todo o país, construindo máquinas e acessórios de fotografia de forma a ensinar a disciplina.

19 | KARL EMIL BIEL (1838-1915) | Fotógrafo e editor alemão foi considerado um dos principais impulsionadores da fotografia em Portugal.

20 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: SENA, António – História da Imagem Fotográfica em Portugal, 1839-1997. Porto: Porto Editora, 1998, p.206.

21 | MÁRIO NOVAIS (1899-1967) | Fotógrafo, oriundo de uma família de fotógrafos portugueses. Trabalhou como retratista. Fundou o Estúdio Novais e especializou-se como fotógrafo de arquitetura, paisagens e obras de arte.

22 | LUCIEN HERVÉ (1910-2007) | Fotógrafo francês de origem húngara. Fez um trabalho notório a fotografar a arquitetura de Le Corbusier.

23 | LE CORBUSIER (1887-1965) | Arquiteto francês que nasceu na Suíça, pertenceu à primeira geração da Escola Internacional de Arquitetura.

24 | EZRA STOLLER (1915-2004) | Estudante de arquitetura que se tornou fotógrafo. Após a segunda guerra mundial concentrou o seu trabalho na fotografia arquitetónica, passando pela escultura e maquetes.

25 | FRANCESC CATALÀ-ROCA (1922-1998) | Fotógrafo espanhol que capta o ambiente natural humano sob o ponto de vista da realidade quotidiana.

26 | FERNANDO GUERRA (1970 - x) | Nasceu em Lisboa. Licenciou-se em arquitetura em 1993 pela Universidade Lusíada de Lisboa, trabalhou durante cinco anos em Macau como arquiteto (1994-1999). O seu trabalho encontra-se representado em diversas coleções particulares e públicas. | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <<https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2017/10/13/fernando-guerra-raio-x-de-uma-pratica-fotografica>>



IMG 11 | CONTEMPORARY ARTS CENTER | FOTOGRAFIA DE JOSÉ CAMPOS



IMG 12 | MOSTEIRO DE ALCobaça | FOTOGRAFIA DE FERNANDO GUERRA

Como no resto da Europa, Portugal utilizava a fotografia para inventariar o património arquitetónico, mas só na década de 60, através da revista “Pittoresca e Descriptiva de Portugal” de Joaquim Possidónio Narciso da Silva¹⁶ é que a relação entre a fotografia e a arquitetura ganhou interesse e impacto em Portugal.

Esta revista divulgava a história, a arqueologia e o património português demonstrando o gosto e a importância que a salvaguarda patrimonial marcava no início da história da fotografia portuguesa.

Para além de ter apresentado a arquitetura através da sua revista, Joaquim Possidónio marcou o arranque da relação entre a fotografia e a arquitetura no país. Em 1863 foi um dos fundadores da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, que valorizava todo o património nacional. Ainda nesta década, Augusto Xavier Moreira¹⁷ publicou vários trabalhos que refletiam o levantamento e análise dos monumentos nacionais e representações fotográficas de pontes, de caminhos de ferro, de estradas, etc. Em 1874, o fotógrafo Francisco Rocchini¹⁸ registou várias vistas da cidade de Lisboa.

Durante o século XIX, Karl Emil Biel¹⁹ procedeu ao levantamento e documentação mais relevantes de Portugal, tendo fotografado vários edifícios, estruturas e elementos ligados à arquitetura e à engenharia. Mesmo já existindo a revista de Possidónio da Silva e alguns artistas desenvolvido trabalhos ligados à fotografia em Portugal, a única exposição sobre o tema só foi realizada em 1886, no Palácio de Cristal na cidade do Porto.

A destreza e técnica da fotografia não estava ao alcance de qualquer cidadão. Os seus mecanismos, suportes e químicos utilizados eram perigosos e bastante caros, alguns necessitavam de conhecimento que só era conseguido através do estudo da literatura técnica que, na maioria das vezes, só era adquirida no estrangeiro.

Nos finais do século XIX o processo de fotografia era mais simples e económico, tornando-se mais banal e acessível a todos, e adquirindo um carácter comercial e documental. *“A photographia moderna, se não obedece á regra, tem pelo menos o condão de ser muito mais interessantes, curiosa e artística. As figuras não nos aparecem com aquela chateza que foi característica durante anos (...)”*.²⁰

Em 1949 os fotógrafos profissionais existentes no país trabalhavam sob a alçada do Ministério das Corporações. A fotografia continuava a evoluir na Europa, sendo Portugal também contagiado com os seus novos métodos de impressão. Em Portugal destacava-se o fotógrafo Mário Novais²¹, dono do estúdio Novais, que registou durante 50 anos a arquitetura moderna no país.



IMG 13 | DETALHE, RUA DAS BARRACAS

No resto da Europa destacavam-se alguns fotógrafos importantes. Em França, Lucien Hervé²², que trabalhava em parceria com o arquiteto Le Corbusier²³, registando as suas obras, maquetas, esculturas e desenhos. O fotógrafo norte-americano Ezra Stoller²⁴ produziu registos de vários países que ficaram na história. Já em Espanha, o artista Francesc Català-Roca²⁵ destacou-se pelas suas produções. Todos estes artistas transmitiam a visão do arquiteto moderno através da captação das perspetivas dinâmicas e dos jogos de luz e sombra, estabelecendo uma ligação entre a substância e a forma.

Já no século XXI o fotógrafo tenta perceber as relações estabelecidas e o modo de pensar de cada artista. A complexa relação entre o espaço, a utilização da luz natural e a materialização em cada objeto fotografado são cuidadosamente escolhidos e analisados na recolha de uma simples imagem. *“Para compreender o espaço, os arquitetos, eventualmente com uma intencionalidade mais consciente que os simples utilizadores, circulam pelos edifícios. Captam a espacialidade da arquitetura deambulando, perscrutando, fazendo associações de ideias, de formas, de dimensões.”*²⁶

Com a invenção da fotografia, a arquitetura passou a ser um objeto fotográfico por excelência. Entende-se que existe um panorama que se divide em dois conceitos concretos, o primeiro sendo o papel da fotografia na arquitetura e o segundo na existência de uma mudança de perceção da mesma. A arquitetura passou a ter um registo propositado ao longo das décadas com a principal finalidade de registar o momento, documentando o crescimento populacional, evolução técnica e estrutural, etc.

A fotografia na arquitetura não tem só a intenção de registar o momento, mas também fixa as linhas, as formas, os desenhos técnicos, as perspetivas, as tipologias, as formas de construir, etc. Sabemos que o cérebro humano tem a capacidade de distorcer a realidade, contudo o principal objetivo do fotógrafo é que o espetador observe e admire o trabalho produzido pela beleza da realidade, seja ela qual for e não pelo processamento da informação criada hoje em dia por programas de computador que adulteram as imagens.

Em pleno século XXI existem vários métodos tecnológicos que tentam aperfeiçoar a imagem de forma a vencer a ideia de beleza. Existem, contudo, vários artistas portugueses que se recusam a utilizar esses métodos, por exemplo Fernando Guerra e José Campos. Citando um deles *“É através da fotografia que podemos ter uma noção mais clara do que é real e tento fazer as minhas fotografias retratar isso, sem distorção ou falsidade. Gosto de saber que as pessoas vão refletir sobre a natureza do projeto.”*⁶



IMG 14 | DETALHE, BECO DO FÉLIX

27 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <https://www.duartebelo.com/60-bio/bio_17.html>

28 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <https://www.duartebelo.com/60-bio/bio_18.html>

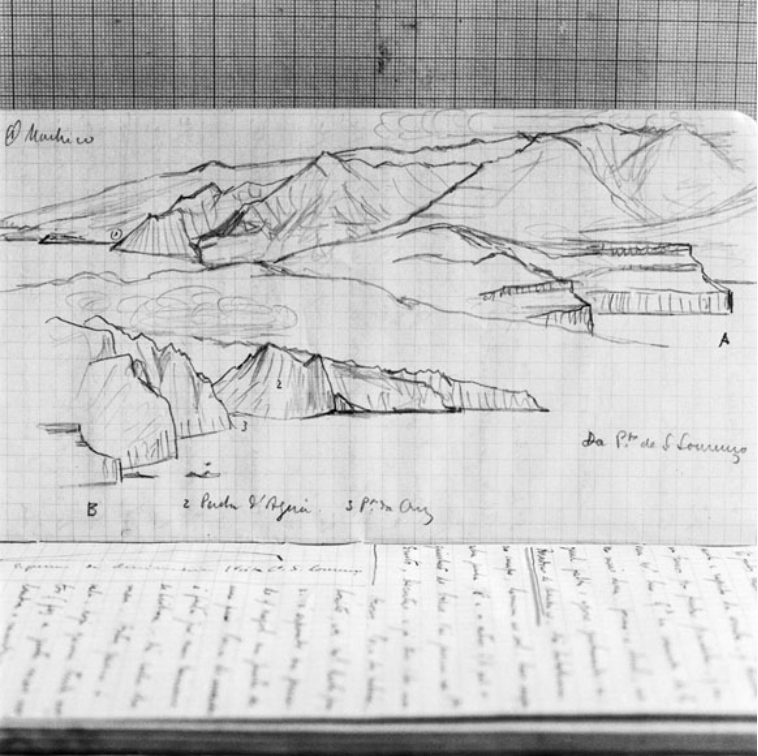
29 | ORLANDO RIBEIRO (1911-1997) | Nasceu em Lisboa. Professor e geógrafo português foi um dos mais importantes geógrafos no século XX. A sua vasta obra e investigação releva uma multiplicidade de interesses e de intervenções que desenham uma invulgar geografia. Em 1943 funda o Centro de Estudos Geográficos. Dentro da instituição, estuda e analisa vários fatores geográficos de Portugal, de onde nasce o livro “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”, no ano 1945. Foi o primeiro a organizar um Congresso da União Geográfica Internacional, em 1949, de onde viria a ser eleito Primeiro-Presidente deste congresso, em 1952.

“Só me sinto longe de certas orientações da moda, que seduzem por isso alguns jovens geógrafos, de uma Geografia humana que estuda relações isoladas em espaços teóricos e abstratos, quando não há implantação ou atividade humana (mesmo a espiritual) de todo desligada de um quadro físico que a sustenta e em larga parte condiciona.”
(Citações extraídas de *Memórias de um Geógrafo*, 2003)

Foi sempre admirador do tema viagem e da fotografia que o estimulou a desenvolver os seus trabalhos de uma forma mais pessoal, onde revelava as suas preocupações sociais com o território e com a sua população residente. Desenvolveu e editou mais alguns livros, tais como “A Arrábida-Esboço Geográfico”, em 1935; o “Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico”, em 1945; “A Ilha do Fogo e as Suas Erupções”, em 1954 e reedição em 1960; “Portugal”, em 1955; “Mediterrâneo, Ambiente e Tradição”, em 1968. Os seus livros, ensaios e publicações terão sido usados como referências por vários escritores e teóricos que apontam as pesquisas de Orlando Ribeiro como um pioneiro da geografia.

30 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: BELO, Duarte. Portugal - Luz e Sombra, O País depois de Orlando Ribeiro. 1ªed. Portugal: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2012. 305 p. ISBN: 978-989-644-186-9

31 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: BELO, Duarte. Portugal - Luz e Sombra, O País depois de Orlando Ribeiro. 1ªed. Portugal: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2012. 11 p. ISBN: 978-989-644-186-9



IMG 15 | DETALHE DE UM ESBOÇO DO CADERNO DE ORLANDO RIBEIRO



IMG 16 | EDIFÍCIOS, RUA DAS BARRACAS

FOTOGRAFIA | DUARTE BELO 1968-x

Duarte Belo ¹⁵ é arquiteto e fotógrafo que se interessa por registar os lugares, transformados ou não pelo tempo. Deixa-se cativar pela mutabilidade que cada lugar sofre e deixa-se seduzir pelo seu significado mais íntimo. *“Caminho no limiar de uma rutura que é atenuada na escuridão, na ausência de luz. Talvez encontre aqui a palavra e na palavra o mais belo modo de comunicar, pela ilusão de o pensar capaz de expressar de uma forma concreta, uma sequência encadeada e lógica de pensamentos.”* ²⁷

O seu gosto pela arquitetura perde-se no caminho do seu percurso devido à desvalorização do desenho arquitetónico. Desenvolve rapidamente o gosto pelo percurso, pelo espaço e pelo lugar, mas fora do meio arquitetónico permanecendo o processo, o método e a consciência dos passos de um ofício determinado pelo dispositivo. Defende que um espaço, um lugar é algo visível e fotografável onde convivem várias dimensões e formas de registo criando uma forma de comunicar sem palavras. A fotografia é um filtro e uma representação daquilo que se deixa representar, tal como um edifício, um elemento orgânico, algo deixado ao acaso, uma cidade, um local efémero ou um desenho.

Explica também que um fotógrafo documental nunca se sente realizado no seu percurso fotográfico, existe sempre um momento, uma dimensão, um espaço não registado. Contudo com a evolução do analógico para o digital é dada ao fotógrafo a falsa ilusão da facilidade de que é registar o momento em qualquer lugar. *“Aproximamo-nos de um limite que sabemos que nunca vamos alcançar (...). Há neste processo um chamamento, não para algo de sobrenatural ou divino, mas para um fascínio de múltiplas faces. Há, talvez, a aproximação ao desvendar de um mistério, talvez apenas o levar um pouco à frente a capacidade de comunicar. É onde uma identidade, na equanimidade, se cruza com uma cosmogonia.”* ²⁸

Foi também a sua paixão por Portugal e pelo seu território natural que se entregou às pesquisas sobre o mesmo e encontrou o grande geógrafo Orlando Ribeiro ²⁹.



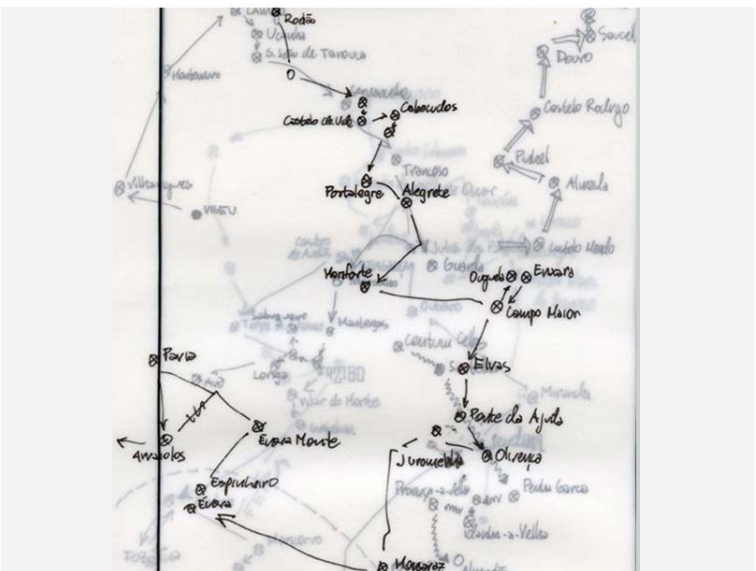
IMG 17 | MÁQUINA FOTOGRÁFICA LEICA DE ORLANDO RIBEIRO

Um Portugal imensamente diversificado que Orlando Ribeiro já fotografava desde 1930. Existiam imensas soluções com estreito vínculo à diversificação das paisagens em que as casas estavam inseridas, em vez de uma ideologia da arquitetura tradicional portuguesa.

Este sentia na terra o mais sabido alicerce da vida e a manifestação do engenho humano, que contra as adversidades impostas pela Natureza, ia sobrevivendo e evoluindo. *“Se na arquitetura tradicional a forma era muito determinada pela função, pela disponibilidade dos materiais e pela incapacidade de fazer movimentos de terras de larga escala, agora tudo isso vai quase desaparecer e ser substituído apenas por um elemento, um conceito, aparentemente muito mais simples: o desenho, ou o design.”* ³⁰

Um dos livros inspirados na obra do geógrafo é o livro “Portugal-Luz e Sombra, Um País depois de Orlando Ribeiro”, em que Duarte Belo nos leva a proximamente cento e quarenta lugares de um Portugal já fotografado por Orlando Ribeiro. As suas fotografias são um relato do seu olhar encantado e fascinado pelo nosso país, contrapondo, a décadas de distância, imagens atuais dos mesmos locais e tomadas de vista. O livro resulta de um trabalho de campo em território nacional, que conta com mais de 6000 Km, onde a visão diacrônica do Portugal contemporâneo, a revelação de transformações e permanências, são a evolução do sentido poético da construção e da fotografia contando com múltiplas leituras.

“A fotografia de Orlando Ribeiro retrata a complexidade e a profundidade de um olhar seletivo, científico, mas também emotivo e sensível. E este é um dos mais desconcertantes aspetos do seu trabalho fotográfico. A fotografia de Orlando Ribeiro encerra a contenção de um olhar “certo”. É uma fotografia que se enquadra com o mundo que fotografa, como que respeitando um código ético que emanava das paisagens, do espírito dos lugares, das pessoas que os habitavam”. ³¹



IMG 18 | MAPEAMENTO DO PERCURSO | ESTUDO DE DUARTE BELO

32 | CITAÇÃO DE HENRI CARTIER-BRESSON DISPONÍVEL EM: <<http://www.henricartierbresson.org/en/hcb/>>

33 | CITAÇÃO DE HENRI CARTIER-BRESSON DISPONÍVEL EM: <<https://focusfoto.com.br/henri-cartier-bresson-o-poeta-da-luz/>>



IMG 19 | SEINE-MARITIME | ROUEN | HENRI CARTIER-BRESSON



IMG 20 | EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX

FOTOGRAFIA | HENRI CARTIER-BRESSON 1908-2004

“For me the camera is a sketch book, an instrument of intuition and spontaneity, the master of the instant which, in visual terms, questions and decides simultaneously. It is by economy of means that one arrives at simplicity of expression.”

[Para mim, a câmara é um livro de esboços, um instrumento de intuição e espontaneidade, o mestre do instante que, em termos visuais, questiona e decide simultaneamente. É por economia de meios aquele que chega na simplicidade de expressão.]³²

Henri Cartier-Bresson⁷ desenvolveu um forte fascínio com a pintura, particularmente com o surrealismo. Em 1932, descobriu a sua paixão pela arte da fotografia e na companhia da sua câmara desenvolveu a sua vida a produzir imagens apaixonantes e dinâmicas. Em 1933 concretizou o que vinha a ser uma das muitas exposições do seu percurso profissional, na Julien Levy Gallery, em Nova York.

Cartier tornou-se o primeiro fotógrafo da Europa a fixar a vida na União Soviética de forma livre, onde registava o dia a dia das pessoas, a paisagem, as construções, etc. Fotografou também os últimos dias de Gandhi e os imperiais chineses, prontamente após a Revolução Cultural.

As peças realizadas por Henri Cartier têm desde sempre duas tendências distintas, a primeira surge através da historiografia americana, de onde surge a maioria das peças realizadas nos anos 30.



IMG 21 | PARIS | HENRI CARTIER-BRESSON

E a segunda recai sobre as suas raízes francesas de onde produz foto reportagens, analisando a vida quotidiana, sentindo o movimento da cidade, da sua população, a agitação das ruas e as suas vivências com o bom e o mau. É um fotógrafo que acredita que cada fotógrafo tem que alcançar o seu “instante decisivo”, porque em todos os momentos da vida existe uma ocasião determinante e temos que saber identifica-la.

“O Instante Decisivo” é um livro escrito por Henri Cartier em 1952 em que o tema é abordado por vários fotógrafos. Esse “momento decisivo” que é descrito como um conceito criado por Cartier, é uma noção filosófica e artística que descreve a arte da fotografia realizada num instante como uma expressão harmoniosa e da procura da essência no momento exato registado pelo fotógrafo.

*“De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há mecanismo no mundo capaz de fazê-las voltar outra vez. Não podemos revelar ou copiar uma memória”.*³³

Com o passar dos anos optou por se dedicar novamente ao desenho e à pintura, esquecendo um pouco a fotografia, deixando um espólio impressionante.



IMG 22 | PASSAROS NUMA ESCADARIA | HENRI CARTIER-BRESSON

34 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: SMITHSON, Robert. A sedimentation of the Mind: Earth Projects. Artforum, 1968. 44-50p

35 | ROBERT SMITHSON (1938-1973) | Escultor e escritor americano, escreveu sobre a arte na América, mais especificamente sobre o tema Land Art. O seu tema de eleição eram as terras abandonadas e desgastadas pelo tempo e pela sua falta de recursos, que precisavam de urgente intervenção. Todos os seus trabalhos eram exigentes e documentados através de filmes e de fotografias.



IMG 23 | SPIRAL JETTY | ROBERT SMITHSON



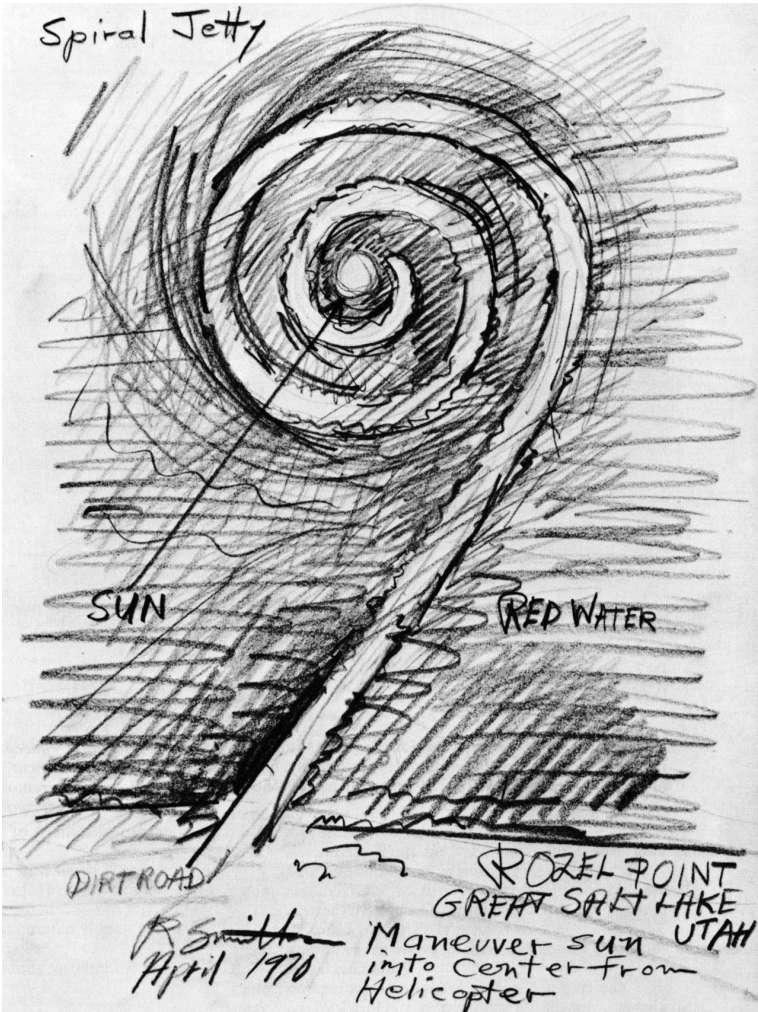
IMG 24 | ESCADARIA E EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX

FOTOGRAFIA | ROBERT SMITHSON 1938 - 1973

“The strata of the Earth is a jumbled museum. Embedded in the sediment is a text that contains limits and boundaries which evade the rational order, and social structures which confine art.” [O estrato da Terra é um museu confuso. Incorporado no sedimento é um texto que contém limites e limites que evadem a ordem racional e as estruturas sociais que confinam a arte.]³⁴

Robert Smithson³⁵ estudou no *Art Students League* e no *The Brooklyn Museum School*. O seu trabalho passou maioritariamente pela pintura e escultura conceptual e minimalista. Artista enigmático que surge profundamente envolvido na revolução cultural dos anos 60. Contudo essa cultura envolveu-se com a Natureza e com a procura do significado da arte integrada com a terra e com o horizonte, desenvolvendo interesse pela Land Art. Sendo um ótimo escritor e crítico de arte, tornou-se num dos principais representantes do movimento, radicalizando o pensamento e a escala artística dos seus trabalhos, deixando fluir o seu trabalho para fora das galerias e recorreu a uma abordagem mais relacionada com o tempo e espaço físico no terreno.

A sua arte não se resume só à escultura, mas também à fotografia. Este observou e registou vários momentos da sua cidade natal, *Passaic* em Nova Jersey.



IMG 25 | SPIRAL JETTY | ROBERT SMITHSON

“A Tour of the Monuments of Passaic”, desenvolvida em 1967, é um ensaio através de fotografias e de elementos teóricos sobre a sua perceção do território não habitado, debilitado e desqualificado composto pelas ruínas industriais que, com o passar do tempo, desenvolviam uma memória sobre esta paisagem abandonada. Foi um ensaio fotográfico onde expressa a sua preocupação em recuperar locais industrializados que foram abandonados pelo tempo. Petrificados num futuro inexistente, que foi influenciado pelo passado onde o esgotamento de funções e de objetos é assumido e engolido pelo território. A sua procura incansável de encontrar um equilíbrio entre o caos e a harmonia é quase um fenómeno científico difícil de alcançar.

O estudo sobre o lugar, como processo de apodrecimento na paisagem industrial, foi sempre um tema suscetível à transformação e à mutação do território. Os pormenores fotografados encontram-se quase todos em fase de construção e não em estado de ruína, mas o artista, ao representar esta fase primária da edificação, demonstra que a ruína pode ser o início ou o fim, dependendo do ponto de vista ou de como este nos é apresentado.

Contudo, a sua arte era a escultura e a sua maior peça intitula-se *Spiral Jetty*, construída em 1970 na Costa do Grande Lago Salgado, em Utah. É composta por lodo, cristais de sal e rochas de basalto, formando uma espécie de bobina com um comprimento de 460 metros. Por vezes a escultura fica submersa, dependendo das correntes do lago.



IMG 26 | A TOUR OF THE MONUMENTS OF PASSAIC | ROBERT SMITHSON

36 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: "STEPHEN SHORE'S BEST SHOT" BY LEO BENEDICTUS, WWW.THEGUARDIAN.COM, SEPTEMBER 26, 2007

37 | STEPHEN SHORE (1947-x) | Fotógrafo americano, que se tornou rapidamente um grande fotógrafo. Conta com um percurso de vida estonteante desde os seis anos, vindo a desenvolver continuamente um excelente trabalho através da linguagem descritiva do lugar. Foi o artista mais novo a expor no Metropolitan Museum of Art de Nova York.

38 | EDWARD STEICHEN (1879-1973) | Fotógrafo, pintor e curador norte-americano, foi através do seu talento para a fotografia, que recorreu a esta como uma peça de arte. Destaca-se na fotografia moderna como fotógrafo de moda e de retratos, juntou-se ao artista *Alfred Stieglitz* para revolucionarem o meio de expressão que era até então exclusivamente documental. Assim nasceu a primeira revista pioneira em fotografia *Camera Wok* e mais tarde uma galeria *Little Galleris of the Photo Secession*, atualmente a Galeria 291.

39 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <<https://www.americansuburbx.com/2010/12/stephen-shore-uncommon-places-2004.html>>



IMG 27 | UNCOMMON PLACES | MERCED RIVER | STEPHEN SHORE | 1979



IMG 28 | EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX

FOTOGRAFIA | STEPHEN SHORE 1947 - x

“To see something spectacular and recognise it as a photographic possibility is not making a very big leap. But to see something ordinary, something you’d see every day, and recognize it as a photographic possibility - that is what I am interested in.” [Ver algo espetacular e reconhecê-lo como uma possibilidade fotográfica não está a dar um grande salto. Mas ver algo comum, algo que se veria todos os dias, e reconhecê-lo como uma possibilidade fotográfica - é nisso que estou interessado.]³⁶

Stephen Shore³⁷ nasceu em Nova York e tornou-se rapidamente um grande fotógrafo. Tomou o gosto pela arte de fotografar aos seis anos. Através de um livro oferecido na sua tenra idade, Shore desenvolveu um gosto pela linguagem descritiva do lugar. Com apenas quatorze anos viu o seu trabalho ser comprado por Edward Steichen³⁸ para a coleção do Museu de Arte Moderna de Nova York. Na década de 1970, Shore surge como um dos principais fotógrafos que observa e retrata as paisagens norte americanas, paisagens sombrias e líricas, ambientes comuns do nosso dia a dia através das suas mutações, cores e brilhos, Shore transforma o mundano em assuntos de meditação.

A sua paixão pela fotografia a cores desenvolveu-se pelo alcance e a intensidade dos matizes vistos na vida. Em 1971 foi o fotógrafo mais jovem a expor no *Metropolitan Museum of Art*.



IMG 29 | UNCOMMON PLACES | PRESIDIO_ TEXAS | STEPHEN SHORE | 1975

Desenvolveu um trabalho documental através da sua viagem pela América do Norte. Fotografou uma paisagem vernacular e adotou uma abordagem mais formal, construindo assim um livro intitulado *Uncommon Places*, publicado pela Aperture em 1982.

Este trabalho partiu da sua intenção de fotografar o banal e o quotidiano, tal como as panquecas do seu pequeno almoço no *Trail’s End Restaurant* em *Utah*, ou um arco iris sobre um estacionamento em *Wyo*, ou uma rapariga na piscina do motel na Flórida. Estas imagens despertam a lembrança de uma experiência banal e sem calculismos, aparentam um distanciamento sentimental, quase como peças formais, objetivas, impessoais e desapaixonadas.

Uncommon Places narra um registo pessoal de uma viagem que o artista descreve como sendo um diário fotográfico, de onde explica, “é um diário de uma vida voltada para a produção de fotografias. É um diário de uma viagem fotográfica. São coisas que eu estou encontrando, mas para o bem de encontrá-las (...) Eu não espero que alguém olhe para isso e tenha algum senso particular do que eu fiz na minha vida. Mas o que [lugares incomuns] é realmente sobre, são minhas explorações, as minhas viagens, através do olhar.”³⁹



IMG 30 | GINGER SHORE_CAUSEWAY INN_TAMPA_FLÓRIDA | STEPHEN SHORE | 1977

GÉNESE
AVENIDA ALMIRANTE REIS



IMG 31 | AJARDINAMENTO DO CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA | 1907



“A cidade (...) não conta o seu passado, mas trá-lo consigo como se fossem as linhas de uma mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, no corrimão da escada, nas antenas dos para-raios, nos mastros de bandeiras, por sua vez, cada pedaço marcado com arranhões, entalhes, pergaminhos.”

(CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. 3ªed. Lisboa: Dom Quixote, 2015. 11 p. ISBN: 9789722057097)

40 | MANUEL DA MAIA (1677-1768) | Arquiteto e engenheiro português, era guarda da Torre do Tombo e engenheiro do reino. Em 1755 na fatalidade de Lisboa conseguiu salvar alguns arquivos e foi o seu desenho dos novos limites da cidade de Lisboa que regiram o plano final elaborado por outros arquitetos.

41 | EUGÉNIO DOS SANTOS E CARVALHO (1711-1760) | Engenheiro militar e arquiteto português, foi o responsável pela reconstrução da Baixa após o grande terramoto de 1755. A baixa da cidade passou a ser organizada por ruas paralelas que urbanisticamente formavam quarteirões quadrangulares, tendo por isso uma lógica estrutural e construtiva organizada e planeada como nunca tinha sido feito na capital anteriormente.

42 | CARLOS MARDEL (1696-1763) | Oficial do exército, engenheiro e arquiteto húngaro, participou na construção do Aqueduto das Águas Livres em Lisboa. Juntamente com Eugénio dos Santos planeou e desenhou a Baixa Lisboeta, desenvolvendo ainda o Palácio da Inquisição situada na Praça do Rossio.

43 | SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO (1699-1782) | Político, diplomata e estadista português que esteve à frente da reforma da Baixa de Lisboa. Marquês de Pombal, como era conhecido, em 1755 já era o Primeiro Ministro do reino, e após o terramoto teve a reação imediata para iniciar uma reconstrução urgente e eficiente perante a tragédia.

44 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: Em Torno da estrutura de Lisboa, 1955; Opúsculos Geográficos. V. Temas Urbanos, 1994, Orlando Ribeiro, mas no Livro de Duarte Belo, p.162



IMG 32 | OLISIPO



IMG 33 | AVENIDA ALMIRANTE REIS

GÉNESE | AVENIDA ALMIRANTE REIS

Iniciando o discurso sobre a Avenida Almirante Reis, temos que entender um pouco o passado da própria cidade de Lisboa. Esta nasceu através de uma pequena civilização localizada a norte do atual castelo de S. Jorge, centrando-se a escolha do local de assentamento para a cidade na sua defesa estratégica por causa do terreno e da proteção natural perante o estuário do Tejo.

A cidade chamava-se Olisipo, até 1147 ser conquistada pelo 1º Rei de Portugal e ser expandida além das muralhas. Em 1500 a vida comercial centra-se na sua totalidade na cidade de Lisboa, devido à sua ligação marítima e à satisfação da população crescente a nível territorial e urbano. É também nesta altura que certas colinas de Lisboa se transformam em zonas de arruamentos e casarios, criando bairros e zonas urbanas, mas sem consciência urbanística e arquitetónica.

Com o terramoto de 1755 a cidade é devastada e “renasce” através de uma organização e planeamento rigoroso, realizado pelos arquitetos e engenheiros, Manuel da Maia⁴⁰, Eugénio dos Santos⁴¹ e Carlos Mardel⁴². Surge um nome importante que gere e fica à frente do projeto, Sebastião de Carvalho e Melo⁴³ (conhecido por Marquês de Pombal), que chefia aquele que fica reconhecido como o maior projeto arquitetónico, urbano e sísmico de Lisboa. A planificação de ruas alinhadas e conceitos arquitetónicos e sísmicos vieram fortalecer a

Baixa. Os edifícios Pombalinos do século XVII, são edifícios construídos com alguma largueza, através dos conhecimentos técnicos da época, recorrendo a sistemas modulares e à pré-fabricação. As suas fachadas de ritmo regular e simétrico, com módulos de janelas que dividiam os espaços interiores, contando com a indiferença circulatória na articulação entre as diversas hipóteses.

Desenvolvem-se várias obras públicas de alargamentos e aberturas de vias, de forma a facilitar a comunicação entre o centro da cidade e a zona rural a nordeste da cidade, melhorando as condições de vida da população através de novos planeamentos e construções mais qualificadas, nomeadamente o abastecimento dos mercados da cidade.

*“Lisboa é uma cidade num sítio bem singular. Ao contrário de Roma ou Atenas, com estas colinas famosas que se elevam bruscamente no meio da terra plana, a nossa capital é ela própria, pela maior parte, uma cidade de relevo, formada de retalhos de planaltos cortados e separados por uma rede de vigorosos vales. O próprio Rio de Janeiro, num quadro de montanhas único no Mundo, é principalmente uma cidade desenvolvida na planície litoral, com os seus “morros” bem individualizados entre o casario que muitas vezes se detém no sopé. Esta disposição especial do assento de Lisboa imprimiu à sua estrutura as linhas essenciais.”*⁴⁴



IMG 34 | DETALHE PÉTREO, AVENIDA ALMIRANTE REIS



IMG 35 | EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, BECO DO FÉLIX

45 | ALMIRANTE CARLOS CÂNDIDO DOS REIS (1852-1910) | Militar português, iniciou a sua carreira na marinha como voluntário até ser promovido a Almirante. Foi um dos grandes impulsionares da Revolução de 5 de Outubro de 1910, chegando a suicidar-se antes de perceber que tinha triunfado sobre a Revolução.

46 | FRANCISCO MANUEL LUMBRALES DE SA CARNEIRO (1934-1980) | Advogado e político português, foi fundador e líder do Partido Social Democrático e Primeiro Ministro de Portugal durante onze anos, até falecer. Desenvolveu várias funções a nível político que inspirou uma expectativa na passagem do Estado Novo para a democracia.

47 | ALDO ROSSI (1931-1997) | Arquiteto e teórico italiano, defendia e preocupava-se em transmitir uma arquitetura com formas puras e simples. Escreveu vários ensaios dos quais se destacam “A Arquitetura da Cidade” e “Autobiografia Científica” de onde se observa a clara intenção de transmitir a sensibilidade que falta ao arquiteto no contexto urbano e cultural da cidade. | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: Rossi, Aldo (2001) A Arquitetura da Cidade, p.57. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes. Ed. original 1966

48 | FREDERICO RESSANO GARCIA (1847-1911) | Engenheiro e professor português, dirigiu as obras de expansão e renovação na cidade de Lisboa. As construções e o planeamento da cidade contou com várias intervenções, como por exemplo no bairro de Campo de Ourique, na Avenida 24 de julho, na Avenida da Liberdade, entre outros.

49 | FILIPE FOLQUE (1800-1874) | Político, militar e matemático português, realizou o levantamento para a carta topográfica de Portugal à escala 1.100 000, juntamente com o seu pai, no ano de 1843. Em 1872 foi eleito general da Divisão da Arma da Engenharia.

50 | JÚLIO ANTÓNIO VIEIRA DA SILVA PINTO (1860-DATA DESCONHECIDA) | Professor e engenheiro industrial português, realizou um novo levantamento sobre a cidade de Lisboa e arredores à escala 1:1 000, que foi pintado a aguarela, encomendado pela Câmara de Lisboa.



IMG 36 | PRAÇA DO AREEIRO, LISBOA | 1955



IMG 37 | EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, CALÇADA DO DESTERRO

A Avenida Almirante Reis foi planeada de forma a ser um dos importantes eixos da dinâmica urbana e viária da cidade de Lisboa. É uma das mais extensas avenidas da cidade, com aproximadamente 3600 metros, abrangendo atualmente três freguesias (Areeiro, Arroios e Santa Maria Maior). Era inicialmente conhecida por Avenida dos Anjos e entre os anos de 1903 e 1910 passou a chamar-se Dona Amélia. Atualmente é conhecida por Avenida Almirante Reis para celebrar o Almirante Carlos Cândido dos Reis.⁴⁵

Esta Avenida é construída na linha de água que desagua na Baixa e a sua construção corresponde a um prolongamento da Rua da Palma até à Estrada da Circunvalação, mais tarde até à Praça Francisco Sá Carneiro ⁴⁶ (Areeiro).

Ao longo da Avenida observamos as várias épocas construtivas, desde a sua abertura e consolidação, até à sua forma atual. Foi alvo de várias tentativas de planeamento, que demoraram quase um século, mesmo sendo esta operação uma urgência para a cidade.

A partir do século XIX, a expansão da cidade para Norte organizou-se ao longo de dois eixos, mas a sua evolução foi marcada por elementos morfológicos distintos. A Avenida da Liberdade corresponde à extensão da “Baixa Rica” e a Avenida Almirante Reis é a continuação da “Baixa Pobre”.

“Pensar um facto urbano qualquer como algo definido no tempo constitui uma das mais graves abordagens que se pode fazer no nosso campo de estudos. A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade. No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas.”⁴⁷

Desde 1877 que estava nos planos da Comissão do Plano Geral de Melhoramentos da Capital (CPGMC) o alargamento da Rua da Palma a par do alargamento da Avenida dos Anjos. Quando a repartição técnica passou a ser chefiada pelo Engenheiro Ressano Garcia⁴⁸, desenvolveram-se vários planos e projetos para a ampliação da Avenida dos Anjos, porém só em 1892 começaram as intervenções. A abertura total da Avenida decorreu num espaço de sessenta anos, e contou com três fases de crescimento. A primeira expansão foi em 1891 até à fonte do Intendente, que teve que ser desmontada e mais tarde montada no sítio onde se encontra ainda hoje. A segunda ocorreu em

1937, onde se estendeu até ao Convento do Desterro, sendo a última fase até à atual Praça Francisco Sá Carneiro, no ano de 1951.

A Avenida Almirante Reis cria um papel essencial na história da habitação da cidade, visto que é uma das fundamentais artérias de ligação entre a cidade da segunda metade do século XX e a Baixa de Lisboa. Ao longo do tempo tem vindo a desenvolver um crescimento multicultural, uma diversificação de comércio e uma ativa mudança a nível urbano. A constante mudança intensificou-se nos últimos dez anos do século XX, sendo visíveis os sinais de degradação e desqualificação em várias ruas.

Tal como em várias zonas da cidade de Lisboa, a Avenida Almirante Reis conta com vários tipos de construções industriais e, hoje em dia, é visível a estagnação decorrida no século XX. Ao longo dos tempos foram realçados os problemas que habitam nas malhas urbanas e na realidade da arquitetura de cada lugar. A Avenida conta com uma extensão de quase quatro quilómetros e resume-se em duas margens.

O lado Nascente, onde existe uma organização de bairros com história e planeamento, vilas operárias que se espalham por esta zona e trazem uma nostalgia à cidade, sendo as suas diferenças de cota uma constante, permitindo vários pontos com miradouros para a cidade de Lisboa.

O lado Poente é um espaço desorganizado sem preocupação urbana, com a maior parte do comércio e zona empresarial, o que conduz esta área a uma maior concentração de espaços abandonados e devolutos da Avenida. Nesta zona também encontramos o Campo de Santana que é uma das sete colinas da cidade de Lisboa. Situa-se a Oeste do Castelo de São Jorge, entre dois dos principais eixos de expansão da cidade: a Avenida da Liberdade e a Avenida Almirante Reis.

Em 1831 é inaugurada a Praça de Touros, situada no centro do Campo Santa Anna, que é demolida mais tarde, em 1895, para dar lugar ao jardim hoje conhecido como Campo Mártires da Pátria. Entre os anos de 1871 e 1973 surge a verticalidade das grandes Avenidas e o Campo de Santana recebe um novo traçado urbano e uma nova importância.



IMG 38 | DETALHE PÉTREO, PORTUGÁLIA | AVENIDA ALMIRANTE REIS



IMG 39 | VIVÊNCIA NA AVENIDA ALMIRANTE REIS



IMG 40 | EDIFÍCIOS DEVOLUTOS NO PAÇO DA RAINHA | CAMPO SANTANA

A cidade de Lisboa teve várias transformações ao longo dos séculos. Contou com uma maior metamorfose devido à iniciativa régia que necessitava de modernizar a urbe e a abertura e o alargamento das vias urbanas do centro para a periferia veio a facilitar as entradas e saídas da cidade. Desta forma as zonas rurais circundantes começaram a ganhar importância.

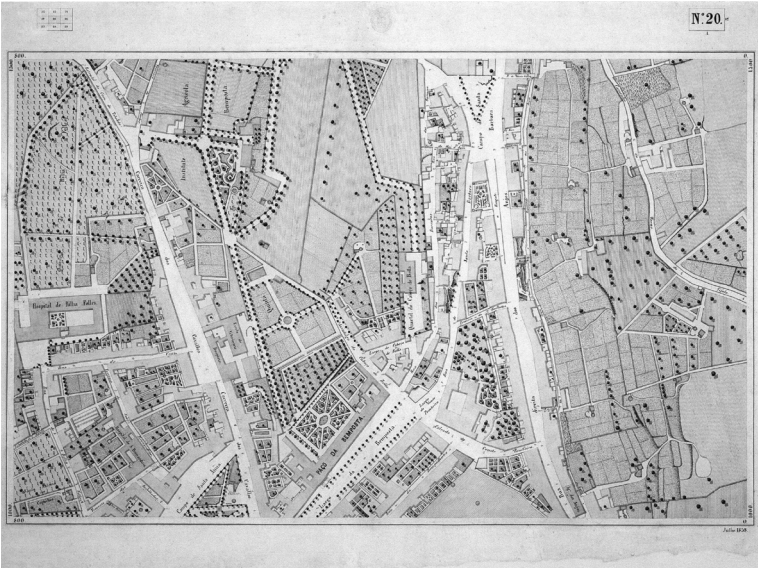
A partir do século XIX, a expansão da cidade para Norte organizou-se ao longo dos dois eixos, mas a sua evolução foi marcada por elementos morfológicos distintos. Deparei-me com documentos que comprovam que a Rua das Barracas era um conjunto com a mesma configuração habitacional que ainda hoje encontramos, mas que não se adequou às necessidades do tempo.

A Avenida Almirante Reis é uma delas, entende-se através dos dois mapas a sua evolução urbana e tentativa de melhoramento urbanístico. De acordo com alguns mapas da cidade de Lisboa, verifica-se que existe uma lenta consolidação e expansão da malha orgânica, as pequenas zonas edificadas e de traçado irregular são expandidas através dos terrenos agrícolas envolventes.

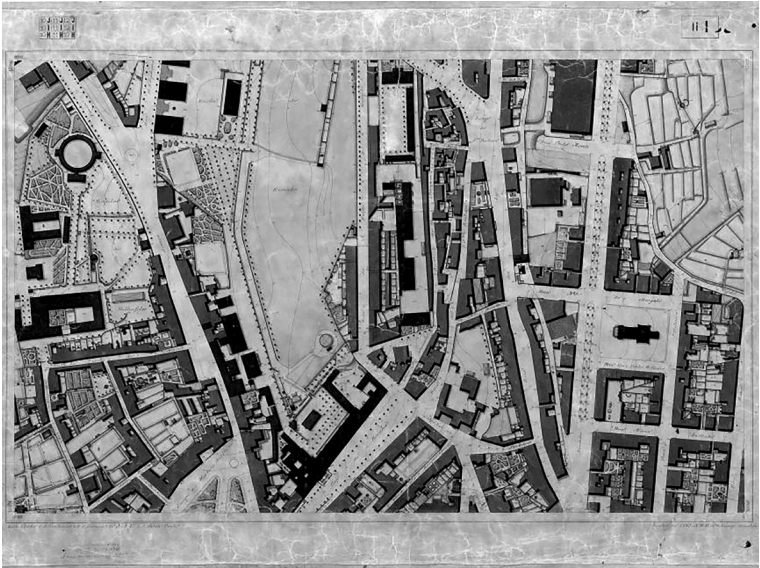
Em 1856/58, Filipe Folque⁴⁹, representa o Campo Santa Anna com um desenho quase retilíneo, sem a orgânica necessária num jardim. A Avenida Almirante Reis ainda não existia e verifica-se a enorme quantidade de terrenos agrícolas no lado poente da Avenida ainda não estendida a Norte.

Já em 1911, Silva Pinto⁵⁰ faz um novo levantamento da cidade e as diferenças são notórias. O Campo Mártires da Pátria começa a ter um desenho mais orgânico e parece mais um jardim de permanência e vida urbana. A Avenida Almirante Reis já está desenhada quase na sua plenitude e divide o lado organizado do lado que começa a nascer regular e pensado com regras de urbanismo e arquitetura.

Comparando as duas plantas, verifica-se que existiu uma preocupação e necessidade de pensar, organizar e desenhar a cidade que ia regularizando o território de forma a intervir na mudança e no crescimento dos espaços. Ambas procuram representar as praças, os largos, as ruas e avenidas, os edifícios e os terrenos rurais.



PD 01 | FILIPE FOLQUE | MAPA DE 1856/58



PD 02 | SILVA PINTO | MAPA DE 1911



PD 03 | AVENIDA ALMIRANTE REIS | MAPA DE PISOS | ESCALA 1:5 000



1-2 3 4 5 6 OU MAIS

AVENIDA ALMIRANTE REIS



IMG 41 | EDIFÍCIO JUNTO AO HOSPITAL DE ARROIOS, AVENIDA ALMIRANTE REIS



IMG 42 | HOSPITAL DE ARROIOS, AVENIDA ALMIRANTE REIS

AVENIDA ALMIRANTE REIS | MAPA DE PISOS

À medida que estudava e analisava o território que foi proposto trabalhar, entendia que era preciso reunir algum conhecimento sobre a Avenida a nível urbano. Desta forma a escolha deste território teve como princípio a relação entre o eixo central com a linha de água e o eixo viário secundário. De acordo com o mapa de localização da Avenida Almirante Reis, observa-se a discrepância entre as duas “margens” que fazem de traseiras do eixo principal. Após a escolha do lado Poente realizou-se um levantamento de alguns temas que caracterizam esta margem da Avenida, sendo elas o estado de conservação, o número de pisos nas frações residenciais, os revestimentos e os edifícios com espaço comercial no piso térreo. A fase de recolha de informação incluiu a ida ao local e posterior visionamento no Google Street View para eliminar casuais dúvidas.

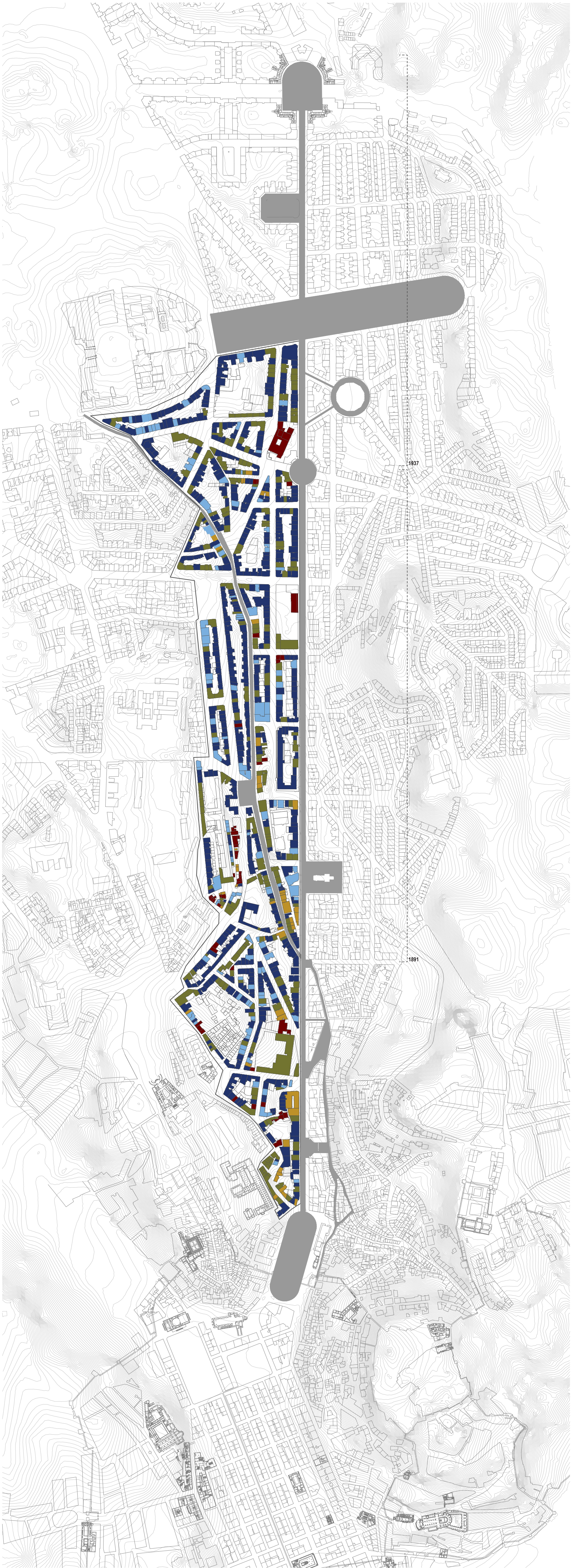
Nesta recolha de informação, encontrou-se pouca variedade de revestimentos, sendo que 10% dos edifícios são de azulejo e os restantes 90%, com reboco fino e/ ou rugoso pintado, pedra à vista, betão ou chapa metálica. Só 4% dos edifícios do lado Poente da Avenida contam com mansardas. Com esta análise entendeu-se que 41% destes edifícios contam com comércio no piso térreo.

Consegui recolher também informação demográfica da zona em que se verifica um decréscimo da população residente nesta zona poente da Avenida Almirante Reis. Encontra-se uma população envelhecida e/ou de fracos recursos económicos que descaraterizam a zona. É também uma área com uma multiculturalidade significativa que promove um elevado nível de vivências e de comércio.

Na planta realizada, concluí-se que a grande maioria dos edifícios têm entre 1 e 6 pisos. Verifica-se que 14% dos edifícios têm 1 a 2 pisos, 17% têm 3 pisos, 26% com 4 pisos, 22% com 5 pisos e 21% os que têm 6 ou mais pisos.



IMG 43 | HOSPITAL DO DESTERRO, AVENIDA ALMIRANTE REIS



PD 04 | AVENIDA ALMIRANTE REIS | MAPA DE CONSERVAÇÃO | ESCALA 1:5 000



DEVOLUTO MAU RAZOÁVEL BOM REABILITADO OU NOVO

AVENIDA ALMIRANTE REIS



IMG 44 | EDIFÍCIO DEVOLUTO, BECO DO FÉLIX



IMG 45 | EDIFÍCIO EM RECUPERAÇÃO, CALÇADA DO DESTERRO

AVENIDA ALMIRANTE REIS | MAPA DE CONSERVAÇÃO

Esta planta demonstra o estudo que foi realizado sobre os edifícios ao longo da área de intervenção e representa o desenho sobre o estado de conservação dos mesmos. Esta análise baseia-se numa perceção pessoal sobre o estado de cada edifício de onde foram retiradas informações base para desenvolver uma gradação de cores. A análise foi concretizada em 949 edifícios, localizados entre a Rua da Palma e a Alameda. Apesar de ser visível a relação entre a construção da Avenida e a época construtiva dos edifícios, verifica-se uma relativa heterogeneidade nos vários quarteirões devido às iniciativas privadas ao longo das décadas.

Feita esta análise conseguiu-se identificar que 5% dos edifícios encontram-se em estado de abandono, 4% em mau estado de conservação, 26% em razoável, 55% em bom estado e apenas 10% dos lotes já são edificações novas ou reabilitadas. Resultante desta análise identificou-se uma área de mais ocorrência de edifícios abandonados que necessitam de uma intervenção urgente, de forma a requalificar esta zona e melhorar a qualidade de vida das pessoas que habitam e deambulam por este espaço. Hoje em dia é uma área com pouco carácter arquitetónico, urbano e humano, pois não tem qualquer tipo de relação com a sua envolvente, e impele qualquer vontade de vivenciar esta zona danificada.

Essa área degradada e abandonada, sem memória, é a Rua das Barracas.



IMG 46 | DETALHE DO EDIFÍCIO DA PORTUGÁLIA, AVENIDA ALMIRANTE REIS

GÉNESE
RUA DAS BARRACAS



IMG 47 | EDIFÍCIO DEVOLUTO DA ANTIGA FÁBRICA DOS TECIDOS, RUA DAS BARRACAS



51 | GEORGE EUGÈNE BARON HAUSSMAN (1809-1891) | Político francês responsável pela realização das alterações urbanas na cidade de Paris, tendo influenciado positivamente com os seus planos e pensamentos o resto da Europa. O desenvolvimento da cidade deu-se entre os anos de 1852 a 1870.

52 | ILDEFONS CERDÀ (1815-1876) | Político e urbanista catalão, foi um dos urbanistas que iniciou o movimento moderno desenvolvendo o projeto de expansão da cidade de Barcelona. A obra tem início no ano de 1860, com a demolição das suas muralhas e expansão das ruas e alargamento de vias de forma a estender de forma ilimitada a cidade para os seus arredores.

53 | FRANÇOISE CHOAY (1925 - x) | Historiadora e professora francesa das teorias e formas urbanas e arquitetónicas, desenvolveu vários trabalhos de referência para o debate de ideias tendo influenciado a formação de várias gerações de arquitetos. | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: CHOAY, Françoise. A Alegoria do património. Trad. Luciano Vieira. Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora UNESP, 2001.

54 | TONY GARNIER (1869-1949) | Arquiteto francês, desenvolveu vários planos de estruturação e remodelação para uma única cidade industrial, do qual nasceu um livro intitulado "Cité Industrielle". O projeto conta com novos edifícios separados por espaços abertos de forma a formarem um espaço de estadia e passeio para se usufruir do espaço público.

55 | LUDWIG HILBERSEIMER (1885-1967) | Urbanista alemão, fundou o departamento de planeamento urbanístico na famosa instituição Bauhaus em 1928. O seu pensamento original e racional sobre o planeamento das cidades fez com que desenvolvesse um plano para Chicago onde mostrava a integração da industrialização e agricultura na vida social e urbana da cidade.

56 | ERNST MAY (1886-1970) | Arquiteto alemão, desenhou o plano urbano de vários bairros residenciais de Frankfurt. Fundou a revista *Zeitschrift Das Neue Frankfurt* em 1930, e desenvolveu vários projetos para as novas cidades industriais.

57 | FRANK L. WRIGHT (1867-1959) | Escritor, professor e arquiteto americano, é considerado um dos arquitetos mais marcantes do século XX pelas suas ideologias e obras de estilo moderno. Tornou-se uma figura importante para o entendimento do estilo moderno após ter projetado e contruído a Casa da Cascata. Conta com inúmeros projetos com vários programas associados, entre eles, escolas, hotéis, museus, habitações e escritórios.

58 | ERNEST NATHAN ROGERS (1909 - 1969) | Arquiteto, escritor e professor italiano, trabalhou como crítico, jornalista e publicitário durante as guerras e no início do pós-guerra. Ao longo do seu percurso profissional desempenhou um papel importante na transição do estilo do realismo, tornando-se assim professor no Politécnico.



IMG 48 | LIVROS DE FRANÇOISE CHOAY



IMG 49 | LARGO DO CABEÇO DE BOLA

GÉNESE | RUA DAS BARRACAS

A Rua das Barracas pertence à freguesia de Arroios e conta com uma área de quase 15.000m2. Confronta-se com quatro frentes: a norte o edifício de habitação no Largo de Santa Bárbara; a sul o Largo Conde Pombeiro e a Rua Escola do Exército; a nascente a Rua Santa Bárbara; e a poente o quartel da GNR.

Na sequência do terramoto de 1755, a Rua das Barracas passou a ter importância porque serviu para realojar a população afetada pela catástrofe. Com o passar dos anos, a Rua das Barracas permaneceu quase sem alterações a nível de conjunto, porém a sua envolvente sofreu várias modificações. A Rua das Barracas apresenta uma falta de espaço qualificado, a ausência de passeios e área pública, a falta de distinção entre a circulação automóvel e a pedonal. Existe também uma topografia característica que é visível e acentuada, o que impede a relação direta entre a Rua das Barracas e a Rua Santa Bárbara (que se encontra na mesma cota que a Avenida Almirante Reis).

A Rua das Barracas inclui-se nos Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (BIP/ZIP) identificados pelo Plano de Habitação Local. Os edifícios desta rua, alguns de traça pombalina, já foram alvos de alterações e adaptações. Encontram-se num estado de degradação tal, que se verificam debilidades estruturais e insuficiências arquitetónicas. Observa-se também que a maior parte das habitações existentes no local, pertenciam a trabalhadores operários e são multifamiliares. Predominam os edifícios em mau estado de conservação e dominam os edifícios entre os dois e três pisos.

A Rua das Barracas tem património municipal significativo que carece de uma reabilitação urgente e valorização urbana que não lhe é atribuída hoje em dia. A deterioração visível no edificado e inadequação dos espaços públicos, comprimidos e sem condições de permanência, são elementos que dificultam a vivência neste local.



IMG 50 | CONJUNTO DE EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, RUA DAS BARRACAS

Na Rua das Barracas a prioridade é a reabilitação e recuperação do tecido consolidado e a revitalização de espaços infraestruturados. Os seus edificados devolutos ou a necessitar de melhorias estruturais e estéticas, os espaços públicos escassos e sem função manifestam-se pela desordem e desarticulação com a envolvente.

Mas o que significa reabilitar a cidade nos dias de hoje? Todas as zonas da cidade contemporânea devem ser reabilitadas e requalificadas? De forma a obter uma resposta concreta e realista deve-se observar, analisar e estudar vários contextos e momentos em que a reabilitação é desenhada e concretizada por vários arquitetos. Esta tem que ser entendida como forma consciente e intencional de intervenção na cidade, precisamos de ter bons exemplos de propostas modernas com intervenção qualificada e regeneradora do espaço.



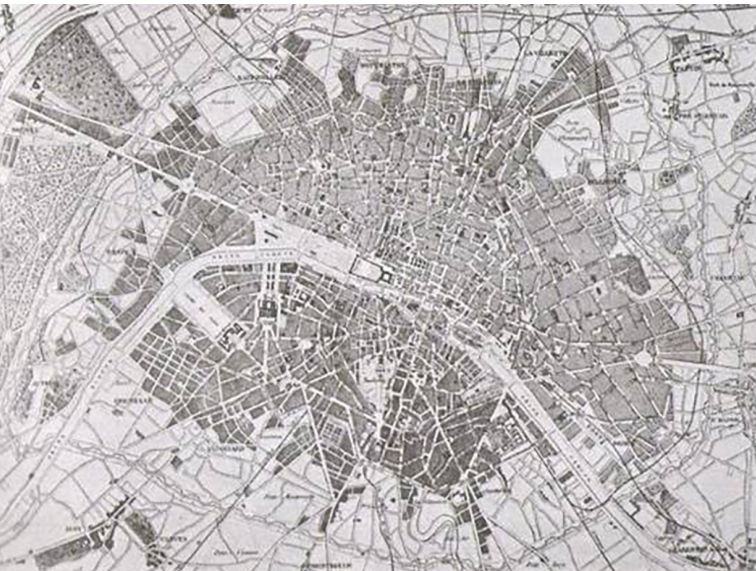
IMG 51 | EDIFÍCIO DEVOLUTO, RUA DAS BARRACAS



IMG 52 | CONJUNTO DE EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, RUA DAS BARRACAS

O principal objetivo do melhoramento urbano para Paris, idealizado por Haussmann, concentra-se principalmente em facilitar as manobras militares no tecido urbano da cidade. Sendo que a grande transformação ocorre num terço do tecido da cidade sobre a ideia de expansão. *“A mostra Paris Haussmann analisa e revela o potencial do modelo urbano parisiense contemporâneo relativamente às apostas e desafios das cidades de amanhã.”*

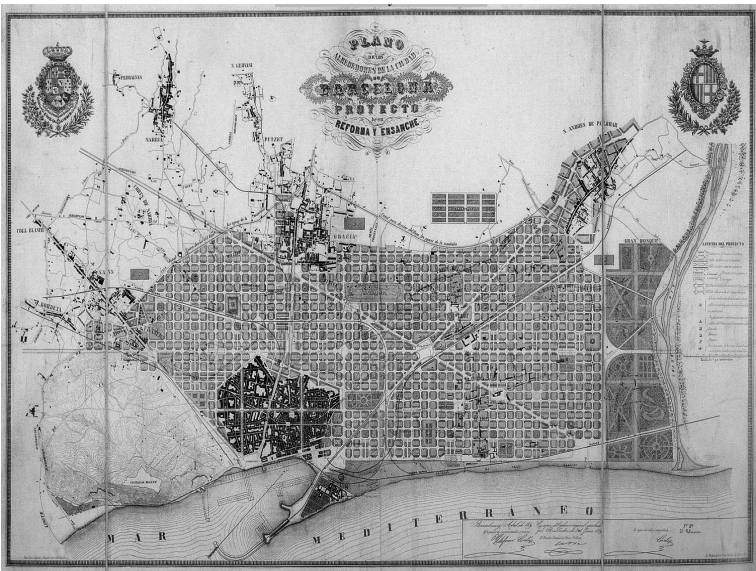
CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <<https://www.ccb.pt/DEFAULT/PT/GARAGEM/SUL/EXPOSICOES/EXPOSICAO?A=1255>>



IMG 53 | PLANTA DE PARIS | HAUSSMANN

“A Barcelona que conhecemos hoje em dia é, em grande parte, decorrente do Plano Cerdà (1860), um dos primeiros e grandes marcos do que timidamente chamava-se ‘Urbanização’.” A necessidade de transformar a cidade tornou-se possível através de Ildefonso Cerdà, que estabeleceu um sistema de quarteirões e zonas verdes com equipamentos públicos.

CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <<https://www.archdaily.com.br/br/880894/o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea>>



IMG 54 | PLANTA DE BARCELONA | CERDÀ



IMG 55 | VIVÊNCIA, RUA DAS BARRACAS



IMG 56 | RUA DAS BARRACAS

Recuando até à modernidade, a questão sobre a reabilitação apareceu quando as cidades começaram a confrontar-se com a desordem e o abandono. O capitalismo, o desenvolvimento técnico e produtivo da industrialização exigiu uma reestruturação nas estruturas urbanas existentes na cidade. Na segunda metade do séc. XIX, a incapacidade de resposta das cidades à nova realidade industrial motivou as mais impressionantes operações de transformação das cidades existentes. Paris de *Hausman*⁵¹ e Barcelona de *Cerdá*⁵² são exemplos paradigmáticos de uma emergência planeada e coordenada para uma nova capital em abandono. A ideia de reabilitação urbana adquiriu com estas intervenções um papel funcional de reestruturação infraestrutural e técnica.

*“(...) romper com o passado não significa nem abolir a sua memória, nem destruir os seus monumentos, mas conservar uns e outros nem movimento dialético que, simultaneamente, assume e ultrapassa o seu dignificado histórico nacional, ao integrá-lo num estado semântico.”*⁵³



IMG 57 | MURO, RUA SANTA BARBARA

“Cité Industrielle é um plano urbano projetado por Tony Garnier e publicado em 1917 sob o título de “Une Cité Industrielle”. Representa o culminar de várias filosofias do urbanismo que forma o resultado da revolução industrial na Europa no século XIX.”

O seu estudo influenciou o urbanismo e a arquitetura através da sua organização funcional, onde conseguiu projetar várias inovações na cidade, integrando jardins em quarteirões habitacionais.

CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/TOPIC/CITE-INDUSTRIELLE](https://www.britannica.com/topic/Cite-Industrielle)>



IMG 58 | UNE CITÉ INDUSTRIELLE | TONY GARNIER

Broadacre City foi uma proposta que pretendia ser a antítese da cidade e a glorificação da vida suburbana, segundo a visão particular de Wright. Era, além de uma proposta urbana, um esquema político-social que definia os lotes habitacionais com uma arquitetura orgânica, um método oposto às linhas simples que os arquitetos modernos trabalhavam.

“Cidade imaginária, modelo de estrutura urbana enraizada na paisagem natural e reação a um problema social de sua (...), Broadacre City enfatiza a relação terra-indivíduo-edifício, baseando-se no conceito da arquitetura orgânica e buscando uma relação idílica entre os avanços tecnológicos contemporâneos e os recursos naturais disponíveis; tudo sempre a serviço do homem e tudo sempre reivindicando seu direito natural à terra.”

CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: <[HTTP://VITRUVIUS.COM.BR/REVISTAS/READ/ARQUITEXTOS/08.095/148](http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/148)>



IMG 59 | BROADACRE CITY | FRANK L. WRIGHT

Já no século XX os arquitetos modernos compreenderam que o reabilitar a cidade era como um programa ideológico que estabeleceria uma nova ordem sobre a construção do tecido urbano. Tendo exemplos desse estudo podemos verificar A *Cité Industrielle* de *Tony Garnier*⁵⁴, a *Ville Radieuse* de *Le Corbusier*²³, a *Großstadt* de *Ludwing Hilberseimer*⁵⁵, a *Neue Frankfurt* de *Ernst May*⁵⁶ ou a *Broadacre City* de *Frank L. Wright*.⁵⁷

A ideia de reabilitação urbana ganhou com estes modelos unitários e totalizadores do espaço urbano e arquitetónico, uma nova função propositiva de redefinição programática para uma nova estrutura social.

A disciplina da reabilitação descobriu uma nova consciência histórica e patrimonial. A permanente destruição e a mutação urbana, fez com que alguns arquitetos modernos compreendessem a ameaça de apagar a memória de cada cidade e por isso o estudo da antropologia, sociologia e outras disciplinas mais teóricas foram agregadas ao pensamento da arquitetura. As “Preexistências Ambientais” de *Nathan Rogers*⁵⁸, os “Factos Urbanos” de *Aldo Rossi*⁴⁷, o “O Urbanismo” de *Françoise Choay*⁵³ provaram essa atenção sobre os processos de sedimentação cultural.

Para iniciar um pensamento mais profundo sobre a proposta de reabilitação urbana na rua das Barracas tive que estudar o Plano Diretor Municipal, onde verifiquei as várias plantas de ordenamento. Dessa análise pude retirar que a área de intervenção tem uma moderada vulnerabilidade de inundações e conta com uma elevada vulnerabilidade sísmica dos solos. Existe uma rede viária principal que liga a Avenida Almirante Reis ao Campo Santana. Junto à zona de intervenção existem edifícios de interesse público e por esse motivo parte da Rua das Barracas encontra-se numa zona de proteção de imóveis.



IMG 60 | DETALHE DA RUÍNA, LARGO CABEÇO DE BOLA



IMG 61 | PERCURSO, RUA DAS BARRACAS



IMG 62 | ZONA DE CONFLITO URBANO, RUA SANTA BÁRBARA

DISPOSITIVO

TRANSFORMAÇÃO

TRANSFORMAÇÃO | RUA

TRANSFORMAÇÃO | ARQUIVO

TRANSFORMAÇÃO | ESPAÇO EXPOSITIVO



IMG 63 | VISTA PARA O GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS, RUA DAS BARRACAS





IMG 64 | DETALHE DA PASSAGEM ENTRE EDIFÍCIOS, BECO DO FÉLIX



Img 65 | Muro, Rua Santa Bárbara



Img 67 | Edifício devoluto, Rua das Barracas



Img 68 | Ruína, Largo do Cabeço de Bola



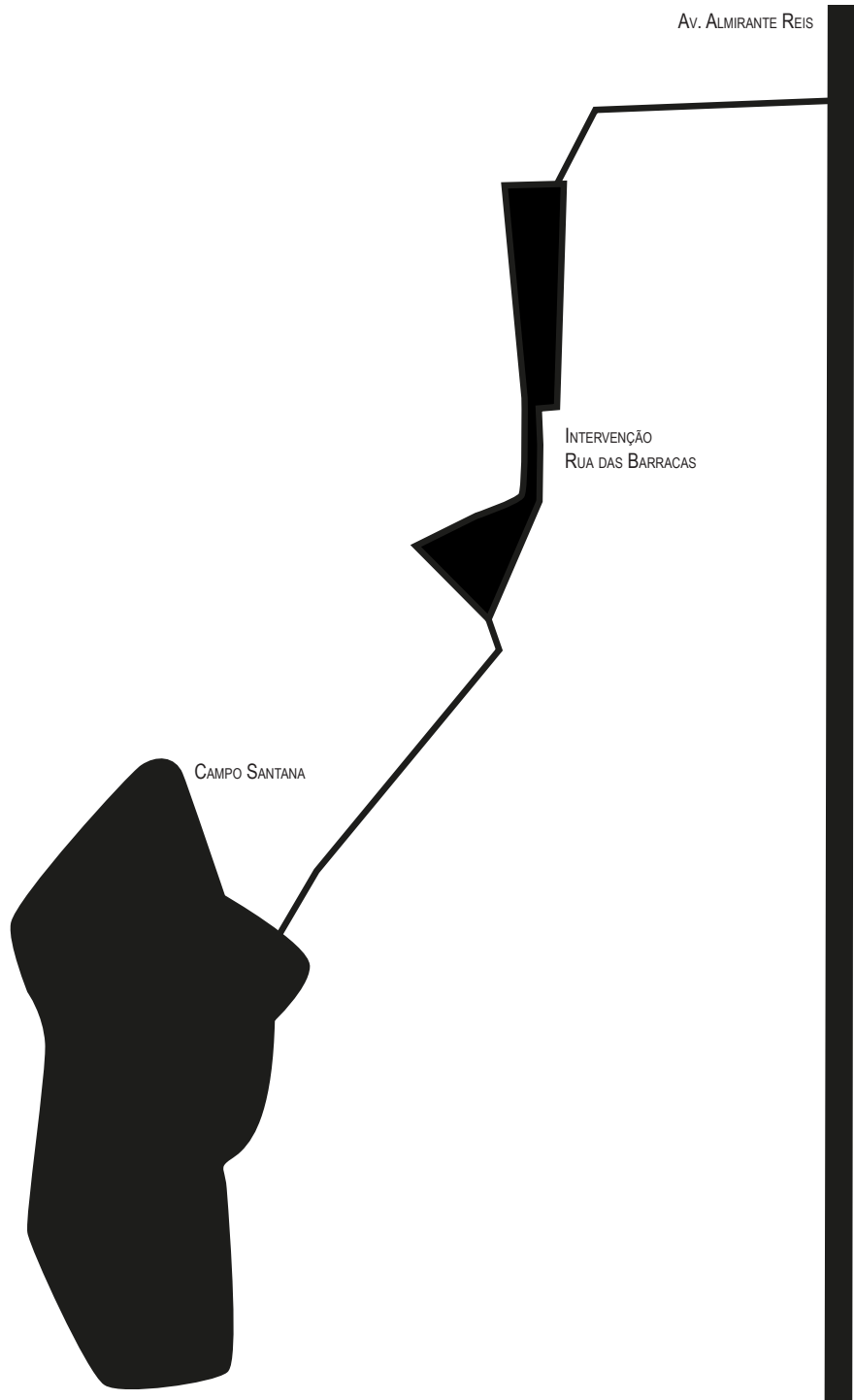
Img 66 | Degradação, Largo do Cabeço de Bola



Img 69 | Rua das Barracas



IMG 70 | DETALHE NA RUÍNA, LARGO DE CABEÇO DE BOLA



PD 05 | DIAGRAMA DA PROPOSTA

DISPOSITIVO | TRANSFORMAÇÃO

Entre a Avenida Almirante Reis e o Campo Santana, encontramos a Rua das Barracas, uma faixa de território em permanente mudança com intervenção humana, que tem sedimentado as mais variadas ocupações. Desde o século XVIII até hoje, esta rua conta com uma sucessão de acontecimentos e adaptações desqualificadas, que envolvem um estado de adulteração e decadência na vida urbana.

A proposta pretende reverter o processo do tempo e reconstruir, através da ideia de perenidade e o conceito poético da fotografia, uma evidência de conjunto na cidade de Lisboa, afirmando um diálogo com as pré-existências e envolvente. É essa procura de sentido que permite estabelecer relações entre o construído e fazer com que os vazios se tornem significantes.

*“Fotografar um território vasto. Procurar em Portugal as raízes de uma identidade coletiva que se perde num tempo longo. Construir um arquivo fotográfico. Reinventar uma paisagem humana, uma ideia de arquitetura, uma cidade nova.”*⁵⁹

59 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: CIDADE INFINITA, DUARTE BELO. LISBOA, 2010. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://CIDADEINFINITA.BLOGSPOT.PT](https://cidadeinfinita.blogspot.pt)



IMG 71 | DETALHE DA PASSAGEM ENTRE OS EDIFÍCIOS DEVOLUTOS, BECO DO FÉLIX

"Imbuídos de uma mensagem do passado, os monumentos históricos perduram até aos nossos dias como testemunhas vivas das tradições de várias gerações. Os povos tornam-se cada vez mais conscientes da unidade dos valores humanos e consideram os monumentos antigos como património comum. A responsabilidade coletiva de os proteger para as gerações futuras é reconhecida. É nosso dever mantê-los com a riqueza da sua autenticidade."

Retirado da Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios, 1964

"(...) a conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade: esta afetação é, pois, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição e decoração dos edifícios".

Retirado da Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios, artigo nº5, 1964



IMG 72 | CHAROLA DO CONVENTO DE CRISTO, TOMAR



IMG 73 | DETALHE DA ANTIGA FÁBRICA DOS TECIDOS, RUA DAS BARRACAS

Dispositivo | TRANSFORMAÇÃO

O tema do debilitado e frágil na cidade era algo que estava implícito na minha vontade de projeto e por isso os primeiros levantamentos do local foram atrás dessa lógica. A análise dos edifícios devolutos e abandonados pelo tempo ao longo do lado Poente da Avenida foram estudados através de uma classificação entre o reabilitado/novo e o abandonado de forma a conseguir entender que zona desta margem estaria em mais degradação. Com este estudo verificou-se que a Rua das Barracas se encontrava com mais de 50% dos seus edifícios em abandono e num estado avançado de degradação com várias patologias difíceis de tratar.

A proposta surge através da necessidade de reabilitar esta rua e esta área de proximidade com o Campo Santana e a Avenida. A diferença de cotas entre estes dois locais é feita através desta Rua debilitada e sem características urbanas para os seus visitantes e cidadãos.

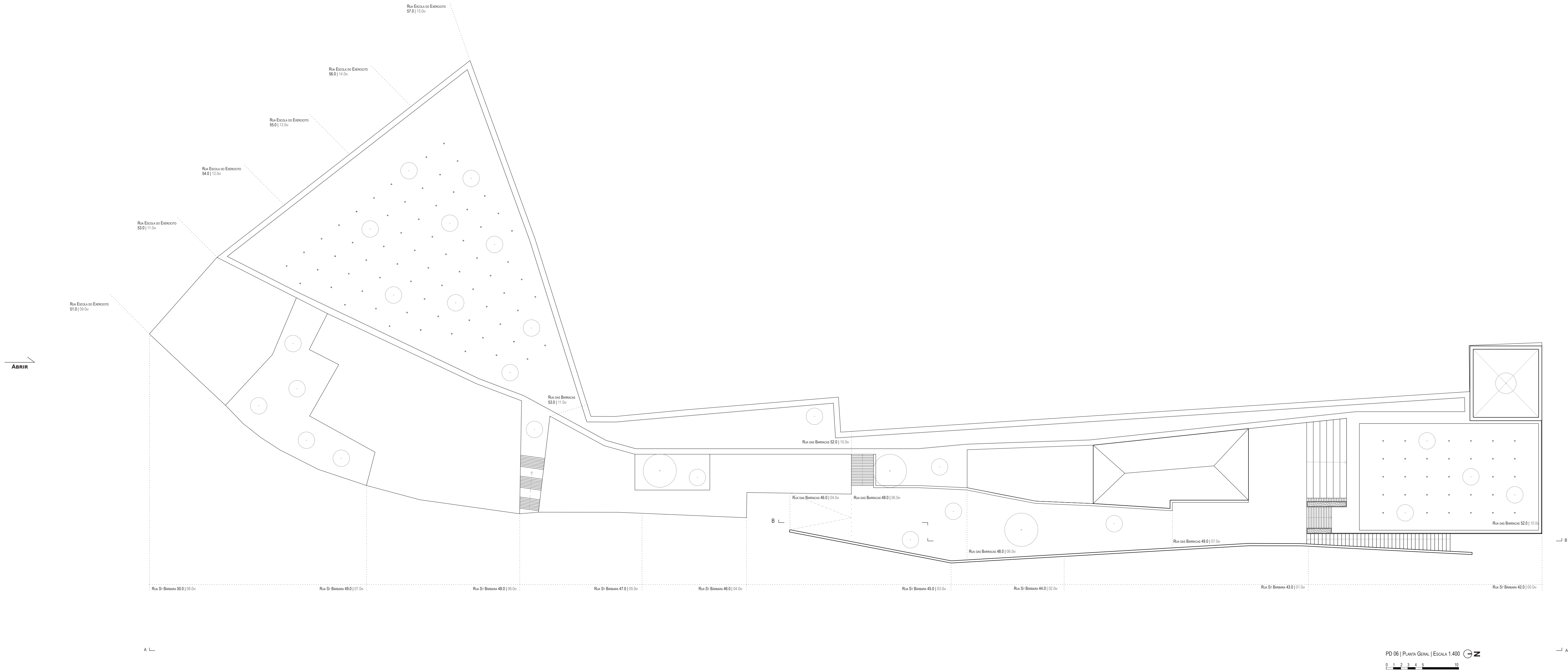
A intenção de melhorar e intervir na Rua das Barracas consubstancia-se na reconhecida necessidade de implementar uma solução integrada e promover mecanismos que permitam a regeneração, reabilitação e apreciação patrimonial da rua, podendo, no processo, reabilitar e rejuvenescer o Centro de Lisboa. Deste modo pretende-se contrariar o esvaziamento populacional destes tecidos e atrair a população de forma a reabilitar e reocupar a cidade, fomentando a ideia de espaço público e incentivar a prática da análise e observação sobre a cidade de Lisboa.

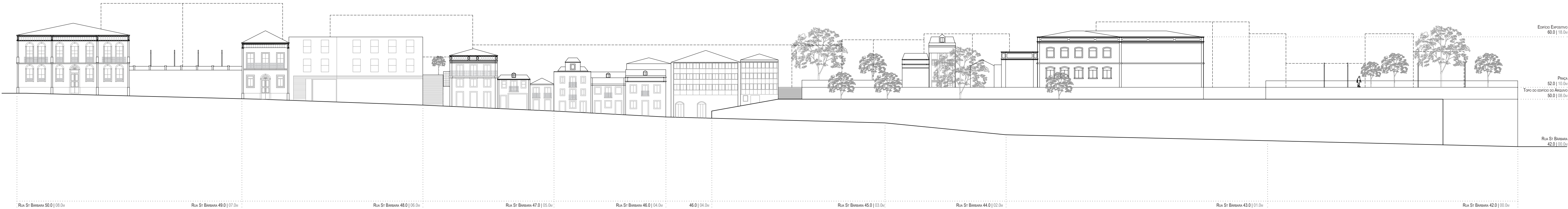


IMG 74 | ZONA DE DESCAMPADO, RUA DAS BARRACAS

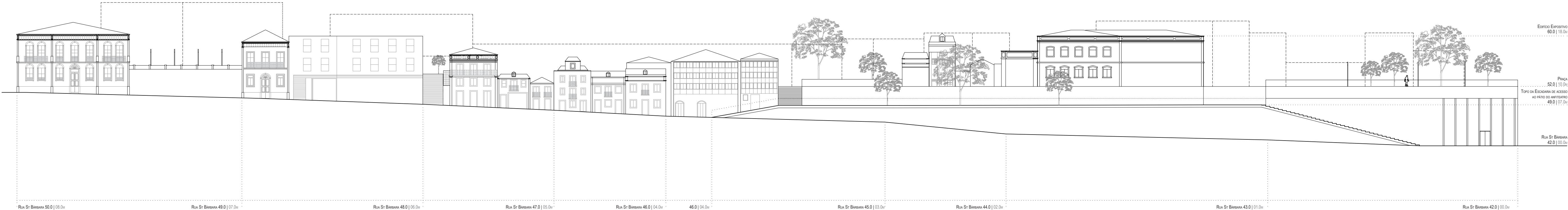


IMG 75 | LARGO DO CABEÇO DE BOLA





ABRIR



DIAPOSITIVO | TRANSFORMAÇÃO | RUA

As intervenções propostas no espaço público para a Rua das Barracas, associam um variado número de operações de requalificação urbana e reabilitação arquitetónica. É proposta uma nova linguagem e reestruturação que integra um novo Arquivo Fotográfico com uma área cultural.

Foi proposto a demolição das habitações devolutas do Largo Cabeço de Bola e criou-se uma praça que recebesse a vida do quotidiano e que fizesse a ponte entre o Campo Santana e a Avenida Almirante Reis. Contudo, por cima do Arquivo desenvolve-se uma praça com a mesma linguagem que a anterior, mas esta com a lógica de ligar as duas cotas, a da Rua Santa Bárbara e a Rua das Barracas.

As duas praças articulam-se entre si através da circulação pedonal e foi reformulada a circulação automóvel, o que permite criar uma maior segurança e conforto. A ideia de ambas as praças é sedimentar e fomentar a questão da vida social e urbana na cidade, por isso o tema requalificar serve para fortalecer a imagem revigorada do lugar. Respeita o espaço público através dos seus materiais e da nova lógica de vivência do espaço, sendo as duas praças iluminadas com pequenos focos de luz a reproduzir a ideia dos “flashes” que são utilizados nas câmaras fotográficas. Deste modo, o tema da Rua das Barracas passa a ser a fotografia, transitando a informação sobre a fotografia do Arquivo para o edifício cultural e do edifício cultural para a rua.

Pretende-se, com esta intervenção, revitalizar e potencializar todos os elementos estruturantes para a dinamização do espaço urbano e consolidar o desejo de viver o espaço público. O conforto físico e visual, um desenho claro e simples e o tipo de material a introduzir neste novo espaço asseguram uma linguagem urbana mais límpida, que garante a valorização do espaço.



IMG 76 | IMAGEM 3D DA PROPOSTA PARA A PIAZZA DELLA SCALA | MILÃO, ITÁLIA | 2015



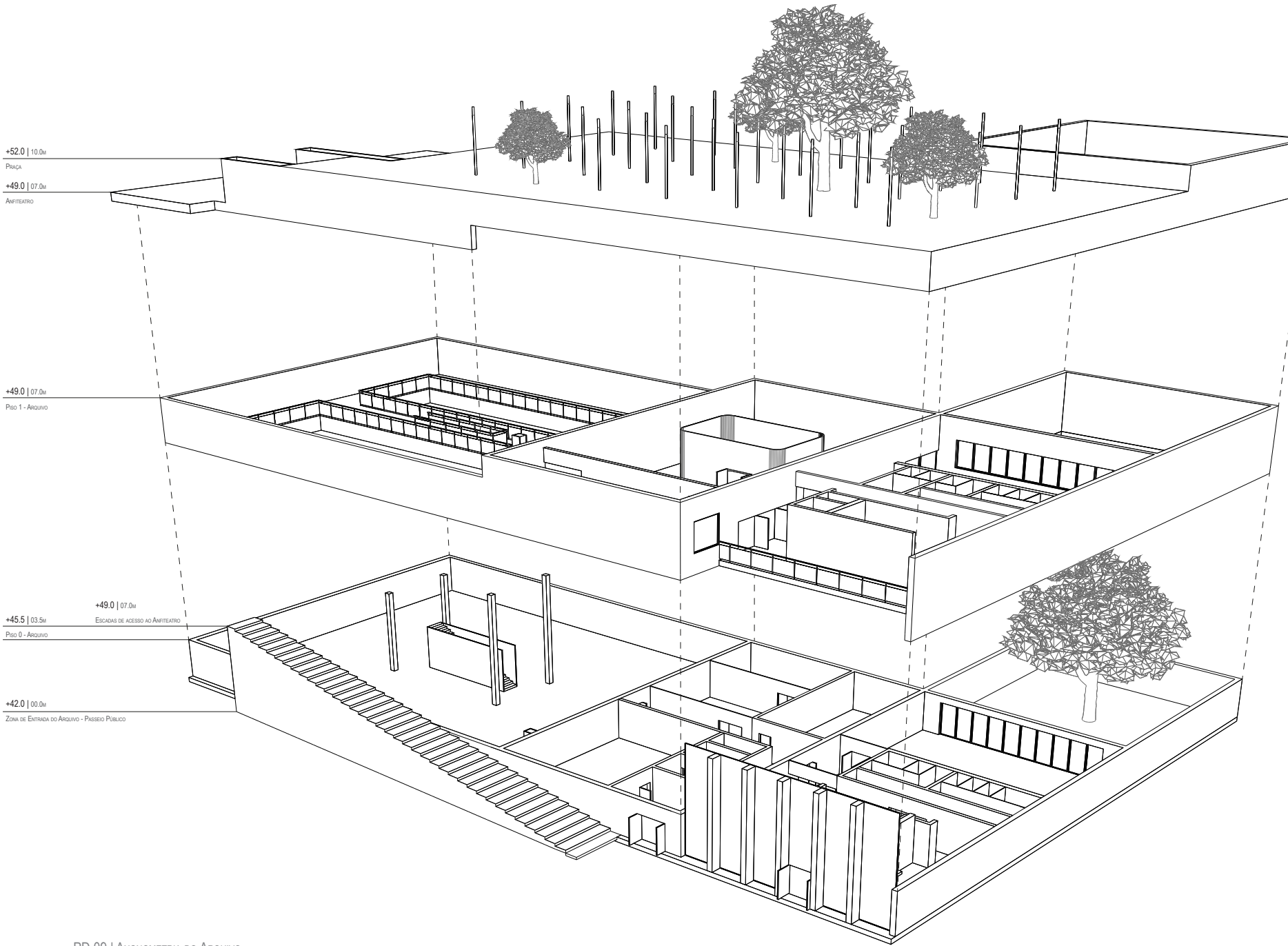
IMG 77 | EDIFÍCIO DEVOLUTO, RUA DAS BARRACAS



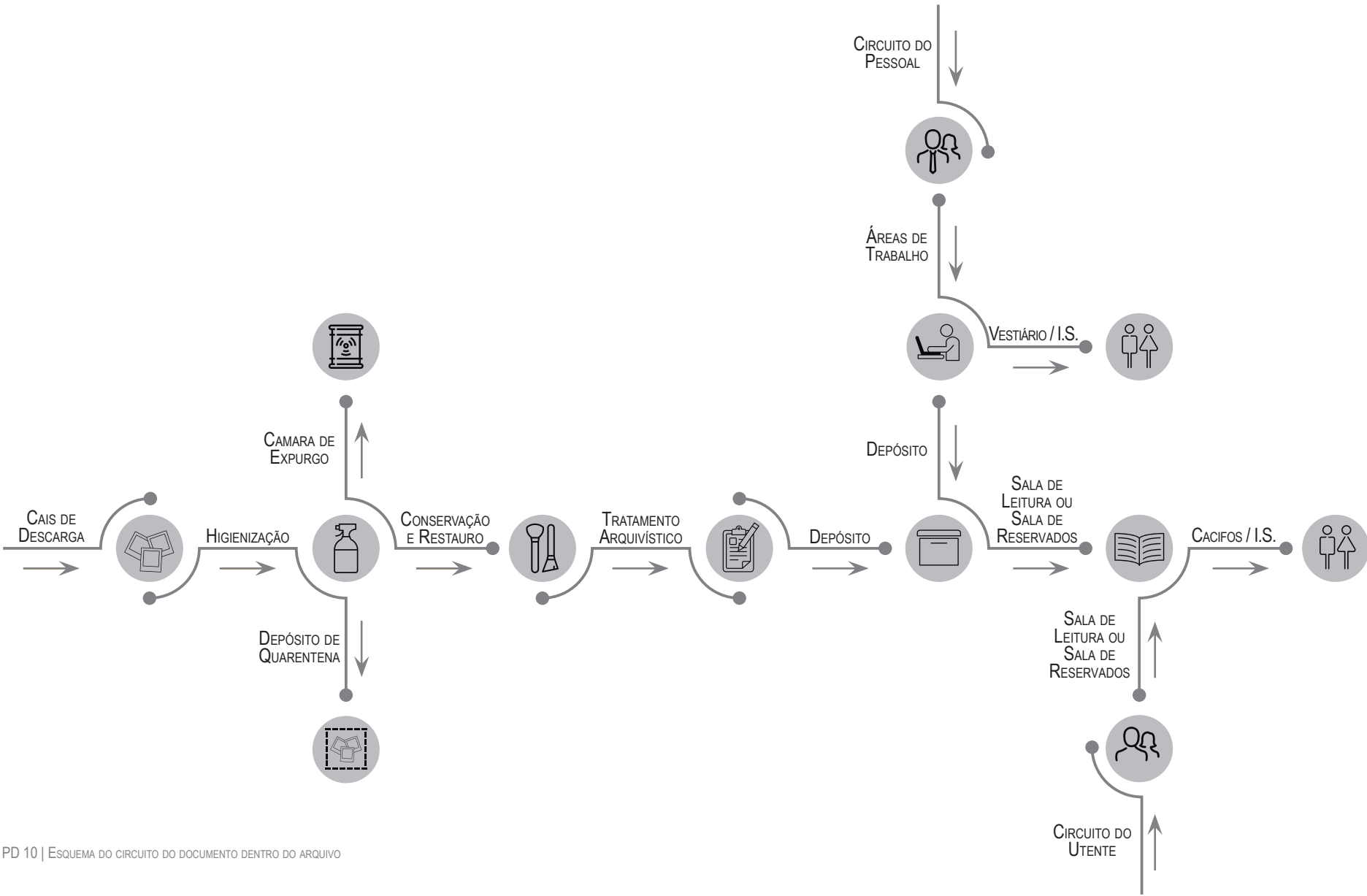
PD 08 | IMAGEM 3D - VISTA DA PRAÇA E DO ANFI-TEATRO E A SUA NOVA RELAÇÃO COM A RUA SANTA BÁRBARA



IMG 78 | RUAS DAS BARRACAS | ESTA FOTOGRAFIA MOSTRA A DEGRADAÇÃO E O ABANDONO A QUE CHEGOU O TOPO DA RUA DAS BARRACAS, SENDO POR ISSO PRECISO UMA INTERVENÇÃO URGENTE NESTE LOCAL.



PD 09 | AXONOMETRIA DO ARQUIVO



PD 10 | ESQUEMA DO CIRCUITO DO DOCUMENTO DENTRO DO ARQUIVO

“O Arquivo é um conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte de material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva ou por um organismo ou privado, no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação.”

Dicionário Terminologia Arquivista, Lisboa: IBL, 1993



PD 11 | IMAGEM 3D - PERSPECTIVA DO INTERIOR DO ARQUIVO



PD 12 | IMAGEM 3D - PERSPECTIVA DO INTERIOR DO ARQUIVO

Dispositivo | TRANSFORMAÇÃO | ARQUIVO

Um Arquivo tem que ter vários espaços distintos e com funcionalidades programáticas que variam de acordo com o tema do objeto a arquivar. No caso da fotografia existem salas específicas tais como o estúdio fotográfico, os depósitos com ambientes distintos, e salas de tratamento.

O Arquivo tem áreas técnicas de trabalhos especializados, depósitos com ambientes e condições variáveis (depósito sujo, limpo, quarentena e cabine de higienização), estúdio de fotografia e zona de arrumos e uma área de consulta. Para desenvolver um bom espaço de Arquivo são necessárias zonas distintas para a circulação do documento, do pessoal e do utente em que dois deles não podem ter contacto algum entre eles, exceto num último ponto de encontro, sendo a sala de leitura ou sala de reservados.

O edifício surge enterrado, tendo na sua cobertura uma praça que faz ligação ao edifício expositivo. Foi criado a pensar na sua envolvente e nas diversas paisagens que liga e interliga.

A materialidade do edifício é composta por betão branco, com iluminação natural adquirida pela grandiosa entrada do Arquivo e pelo seu pátio interior que ilumina as salas de trabalho. Não existem mais aberturas de forma a preservar a ideia de um corpo escondido na paisagem da urbe que se transforma com o passar do tempo.



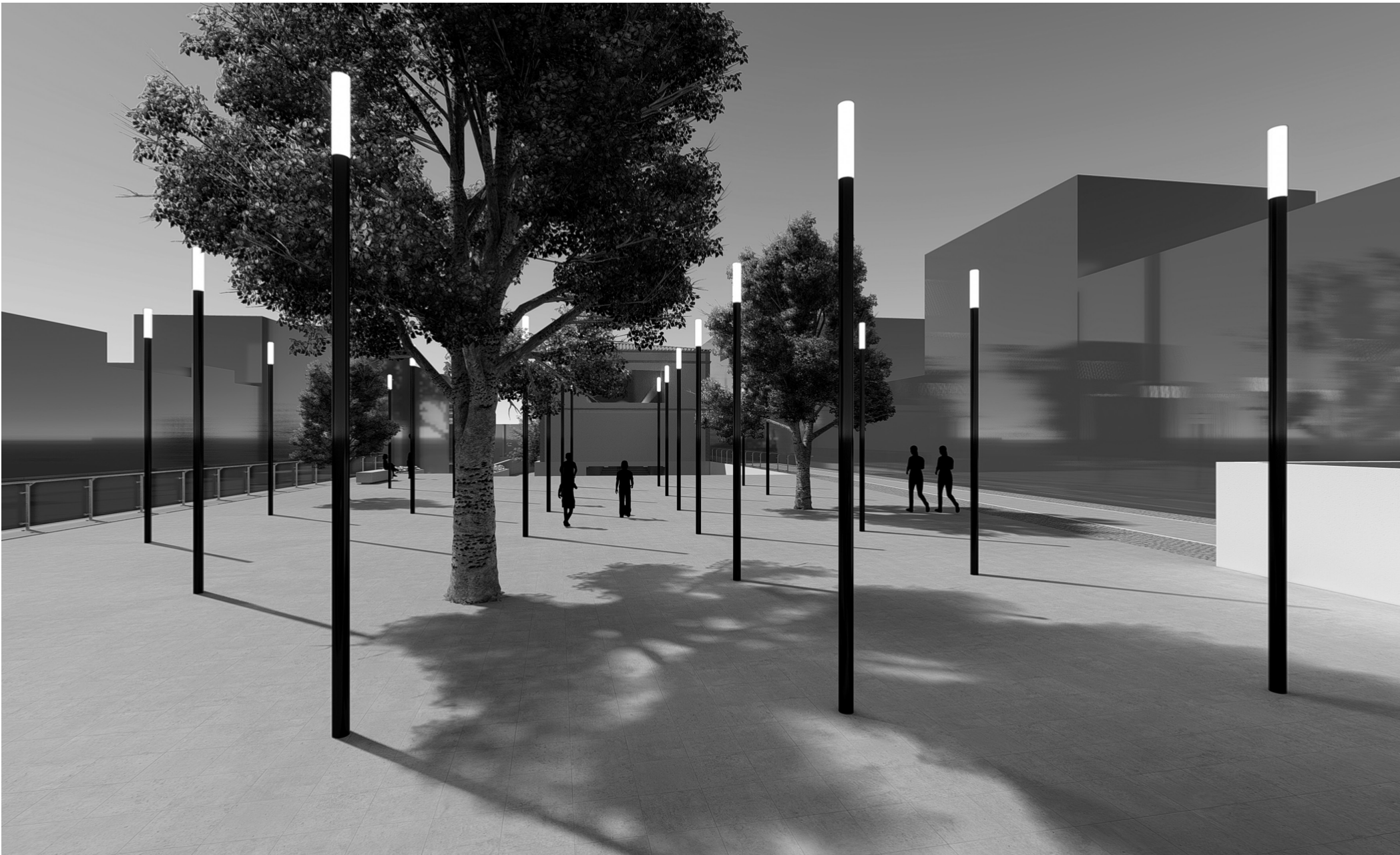
PD 13 | IMAGEM 3D - VISTA DA ENTRADA DO ARQUIVO



PD 14 | IMAGEM 3D - TRANSFORMAÇÃO DA ZONA DE CONFLITO NUMA ZONA DE ESTADIA



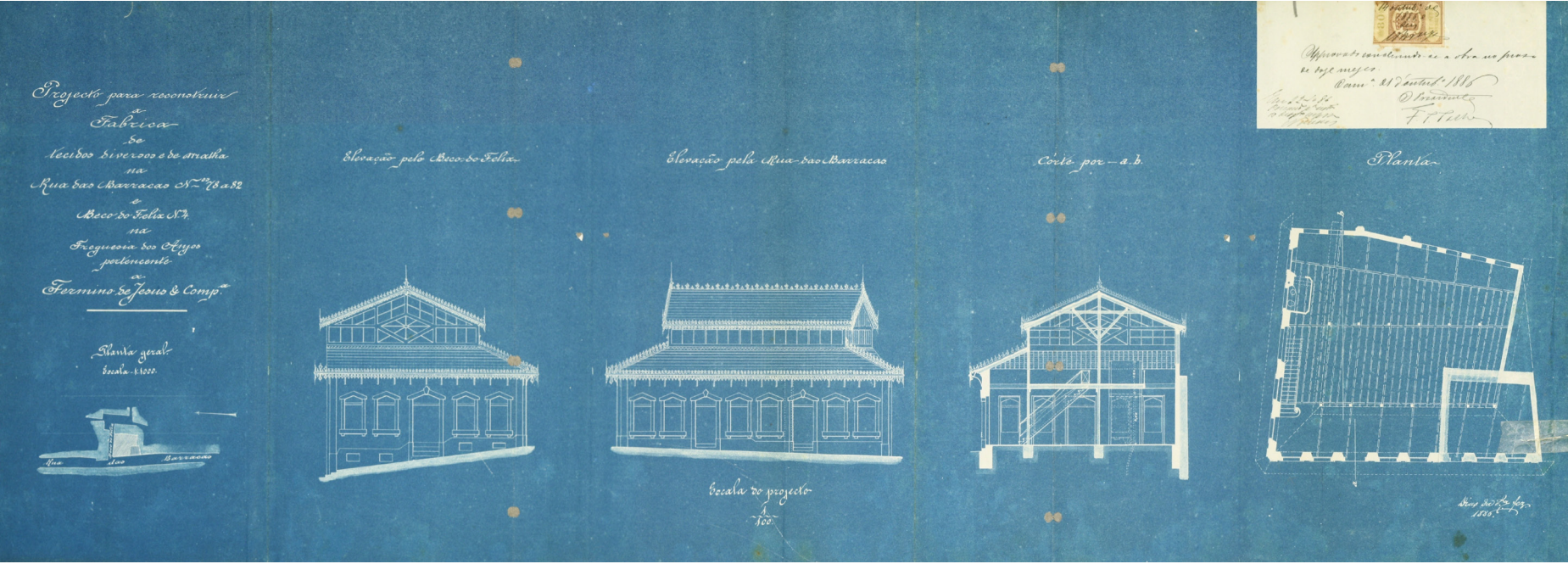
IMG 79 | ZONA DE CONFLITO URBANO | ESCADARIA, RUAS DAS BARRACAS | ESTA ZONA DE CONFLITO GERA-SE PRINCIPALMENTE PELA FALTA DE DESENHO E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL QUE NÃO FOI PLANEADA NO PASSADO.



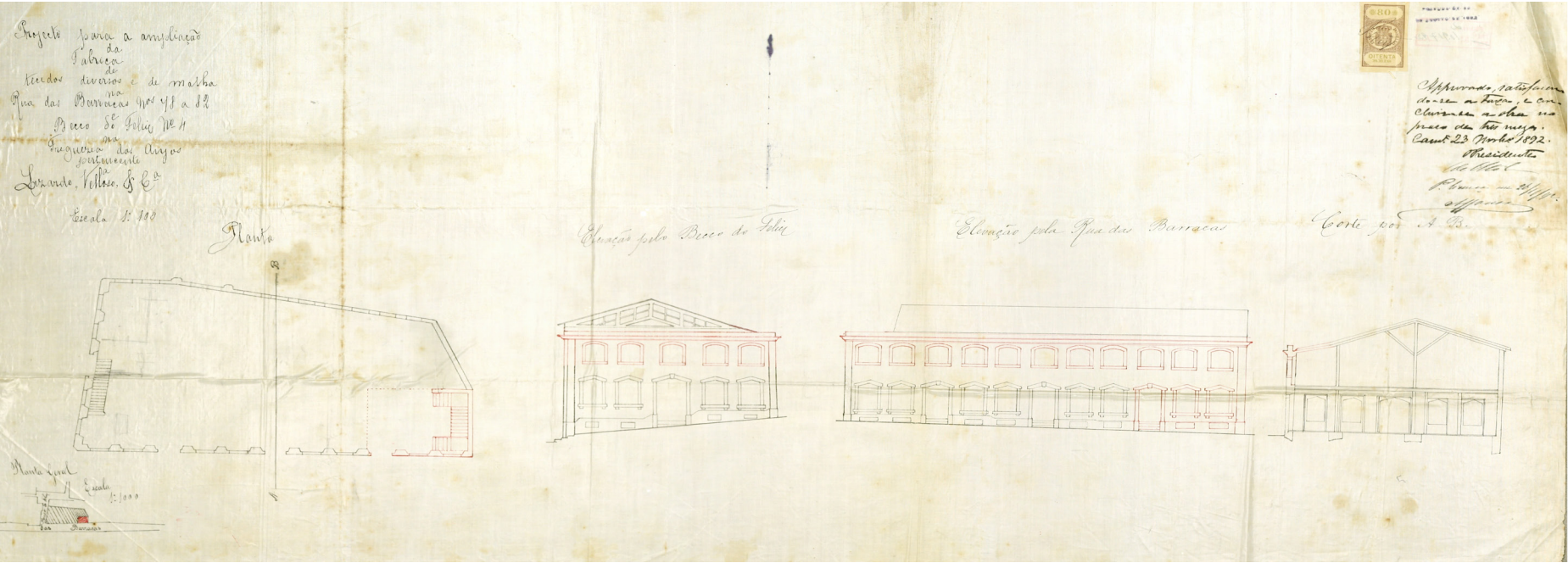
PD 15 | IMAGEM 3D - VISTA DA CHEGADA À PRAÇA E AO ANFITEATRO PERCORRENDO A TOTALIDADE DA RUA DAS BARRACAS



IMG 74 | ZONA DE DESCAMPADO, RUA DAS BARRACAS | É UMA ÁREA DE RUÍNA E DE DESINTERESSE URBANO, TAL COMO A CONTINUIDADE DA RUA DAS BARRACAS. A PROPOSTA FOCA-SE NA PRAÇA E ESTA É UMA DAS ZONAS MAIS IMPORTANTES DO PROJETO.



PD 16 | FABRICA DOS TECIDOS | DESENHOS DE 1886



PD 17 | FABRICA DOS TECIDOS | DESENHOS DE 1892
PROJETO PARA AMPLIAÇÃO DA FABRICA DOS TECIDOS DIVERSOS E MALHAS

Dispositivo | Transformação | Espaço Expositivo

A edificação industrial é um tema que a fotografia veio a retratar. Esta teve um crescimento acelerado e abrupto que transformou as cidades, provocando cicatrizes profundas a nível urbano e social. Após a segunda Guerra Mundial, existiram vários fotógrafos a estudar o tema do aparecimento da arquitetura industrial. Com este tema estudaram o método, o conceito, a transformação, a degradação e abandono ocorrido em cada cidade, percebendo que esta arquitetura desfigurava as cidades e o seu desenho urbano. Porém para além dos fotógrafos, os arquitetos não se mostraram indiferentes a estas construções e o conceito de reabilitação apareceu de imediato.

O termo requalificação surge como circunstância essencial da gestão das cidades contemporâneas, abrangendo conceitos de renovação, reestruturação e reabilitação. Existe um problema na realidade atual das cidades, sendo a ruína industrial um elemento de degradação, habitualmente de grande dimensão, que contamina a escala urbana e determina o afastamento populacional. Hoje em dia a estagnação da construção industrial decorrida no século XX nas cidades realçou os problemas que habitam nas malhas urbanas e na realidade da arquitetura de cada lugar.

O tema escolhido para analisar surge com a oportunidade de estudar e refletir sobre a requalificação urbana e reabilitação de edifícios em ruína. Um dos objetivos deste trabalho é adaptar a antiga fábrica de tecidos que se encontra em ruína, inserida na Rua das Barracas em Lisboa. A preservação e reconversão da ruína, com o objetivo de adaptar para uma nova tipologia de programa, surge na necessidade de requalificar e reabilitar a zona urbana da Rua das Barracas, aplicando-a a um novo conceito de espaço público e de vivência espacial e pessoal. As questões ligadas ao lugar, como as intervenções, contexto histórico, planeamento urbano e pensamento analítico são pontos fortes que ajudaram no desenvolvimento e construção da dissertação.



PD 18 | IMAGEM 3D - PERSPECTIVA DO ESPAÇO EXPOSITIVO, PISO 0

Um retrato do vazio, do desaparecimento da era industrial, o fim da classe operária e a desintegração e descontextualização dos edifícios industriais. Tratam da alma dos lugares, ensinam e recordam, desenvolvem um atlas da memória industrial, um retrato de espaços urbanos abandonados, indicam por imagens o que as zonas industriais são, bem como a experiência que se tem delas.

Para a reabilitação do edifício que irá representar o espaço expositivo do arquivo, pretende-se preservar o edificado e a sua relação com o terreno e envolvente. Mesmo sendo uma construção fabril, de tipologia modesta e de linhas simples, a ideia é manter a sua volumetria na totalidade para que este tipo de construção se mantenha e viva nas cidades modernas. Assume-se o edifício como marcação de um tempo industrial, uma memória na cidade. O interior foi totalmente reconstruído, adaptando-se às necessidades do novo programa, permitindo também a ocupação de condições técnicas e de conforto atualmente exigíveis.

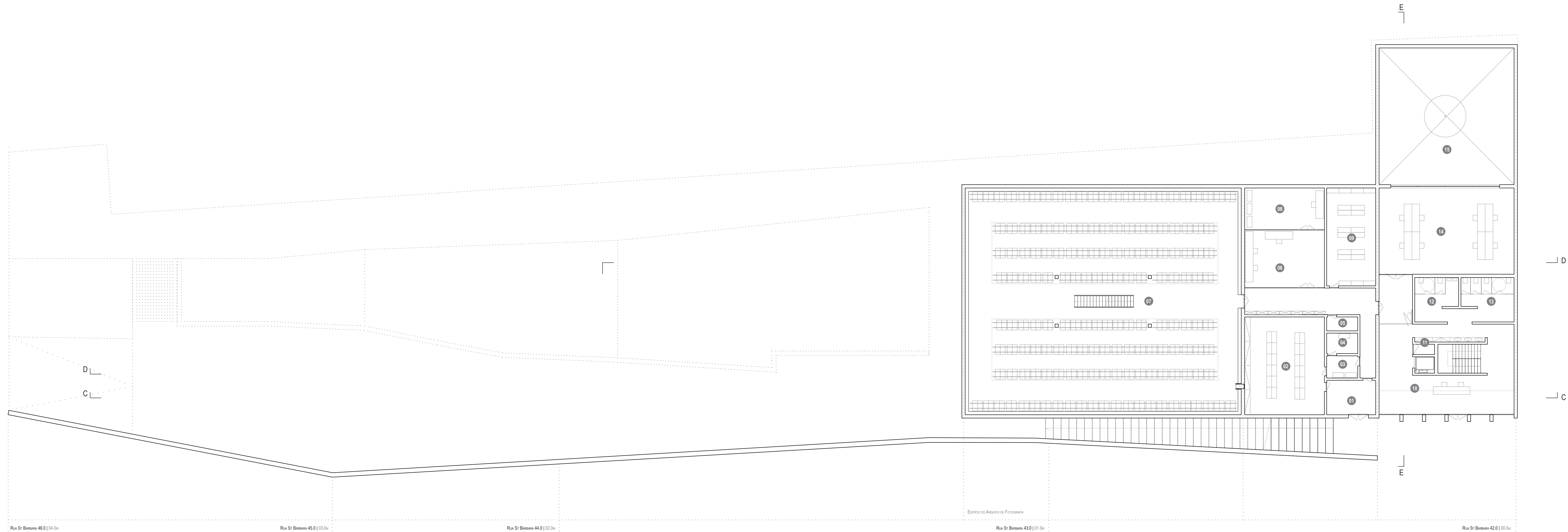


PD 19 | IMAGEM 3D - PERSPECTIVA DO ESPAÇO EXPOSITIVO, PISO 1

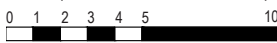


IMG 80 | DETALHE DA RUÍNA, BECO DO FÉLIX

ABRIR

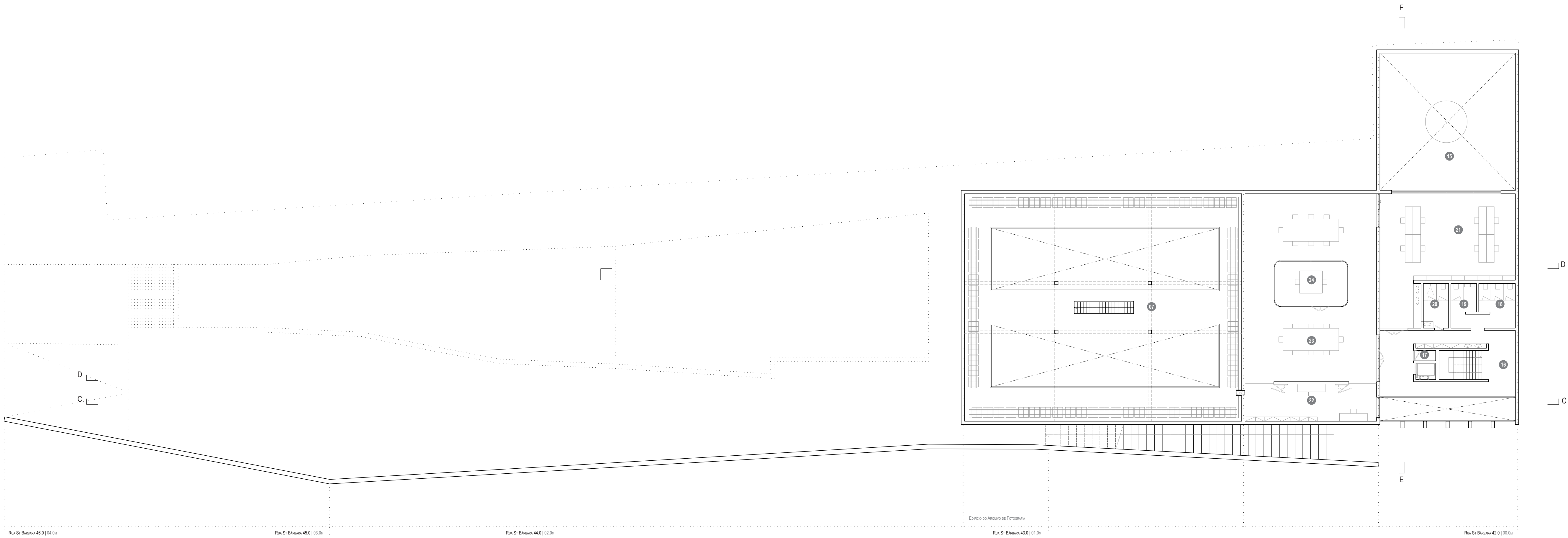


PD 20 | Planta do Arquivo Piso 0 | Escala 1:200



- 01 ENTRADA DO DOCUMENTO
- 02 DEPÓSITO SUJO
- 03 CAMARA DE EXPURGO
- 04 CAMARA DE QUARENTENA
- 05 ZONA DE ARRUMOS
- 06 CABINE DE HIGIENIZAÇÃO
- 07 ARQUIVO
- 08 TRANSFERÊNCIA DE SUPORTE E ESTÚDIO FOTOGRÁFICO
- 09 DEPÓSITO LIMPO
- 10 ENTRADA DO EDIFÍCIO (PÚBLICO)
- 11 ZONA DE ARRUMOS
- 12 I.S. MASCULINO
- 13 I.S. FEMININO
- 14 ÁREA TÉCNICA / SUPORTE ARQUIVÍSTICO
- 15 PÁTIO

ABRIR



PD 21 | Planta do Arquivo Piso 1 | Escala 1:200

0 1 2 3 4 5 10

07 ARQUIVO

15 PÁTIO

16 HALL

17 ZONA DE ARRUMOS

18 I.S. FEMININO

19 I.S. MASCULINO

20 BANHEIRO

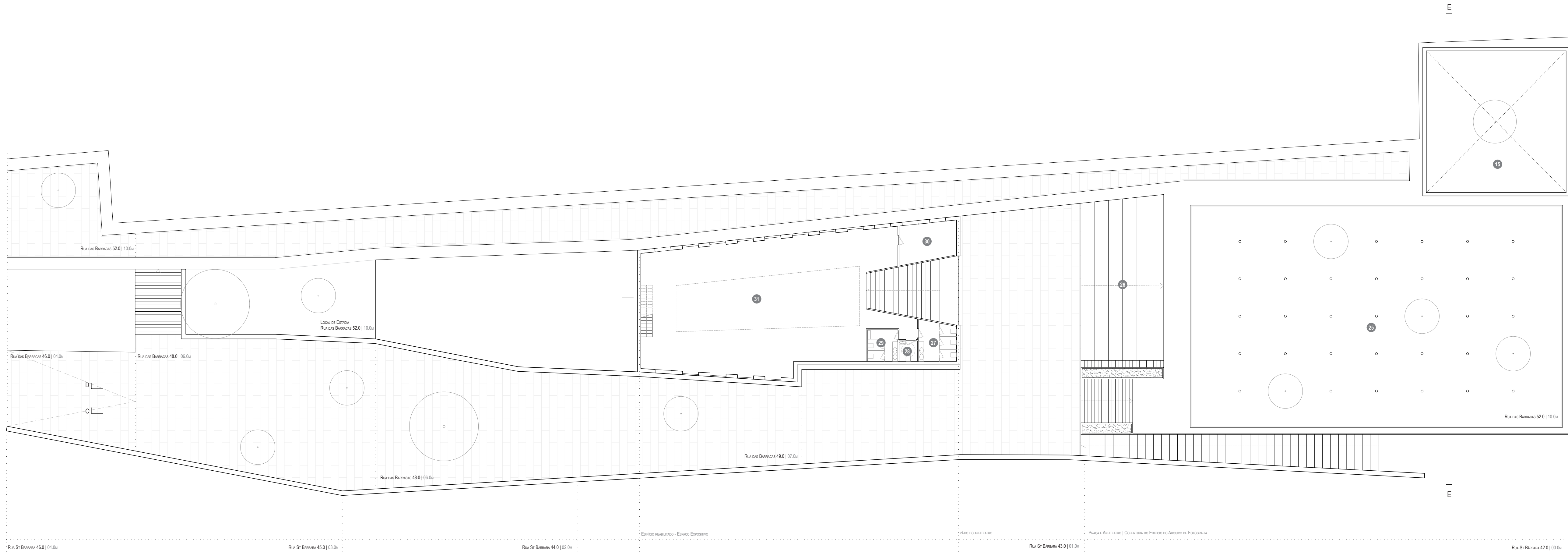
21 ÁREA TÉCNICA DE CONSERVAÇÃO E RESTAUR

22 GABINETE / ZONA DE DISTRIBUIÇÃO DE DOCUMENTOS

23 ZONA DE CONSULTA

24 ZONA DE RESERVADOS

ABRIR

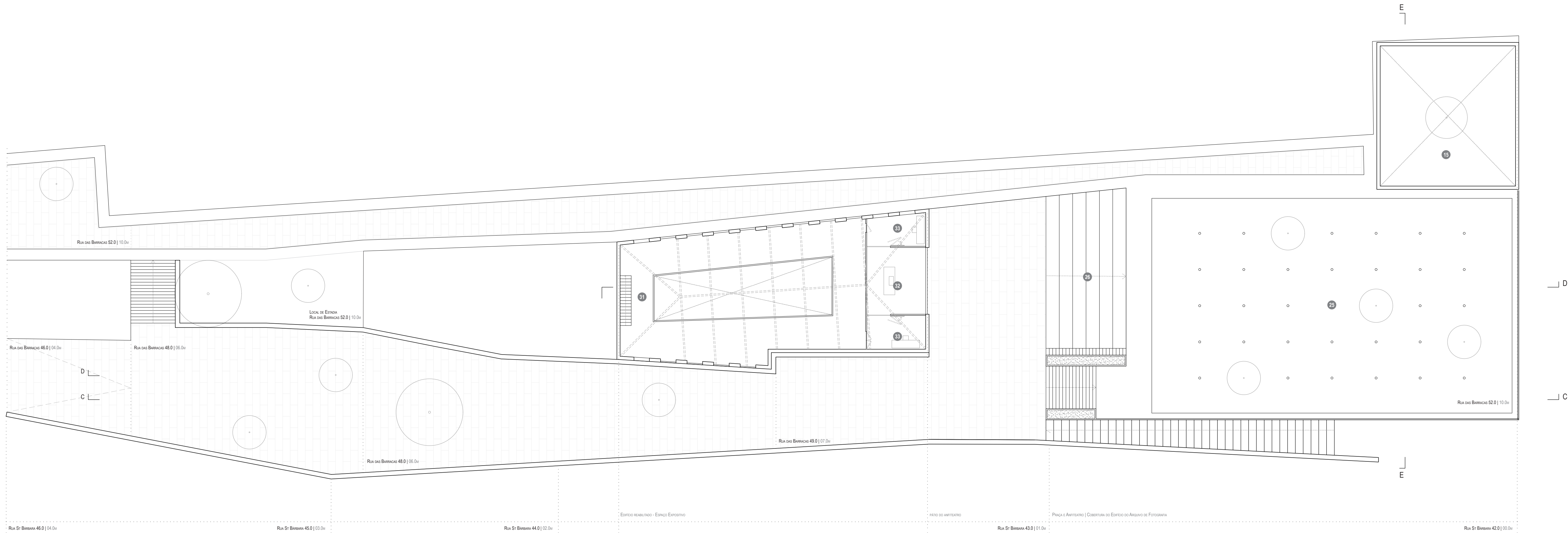


PD 22 | PLANTA DO ESPAÇO EXPOSITIVO PISO 0 | ESCALA 1:200

0 1 2 3 4 5 10

15 PÁTIO (ARQUIVO)
25 PRAÇA
26 ANFITEATRO
27 I.S. FEMININO
28 I.S. MOBILIDADE REDUZIDA
29 I.S. MASCULINO
30 SALA DE APOIO / ARRUMOS
31 ESPAÇO EXPOSITIVO

ABRIR

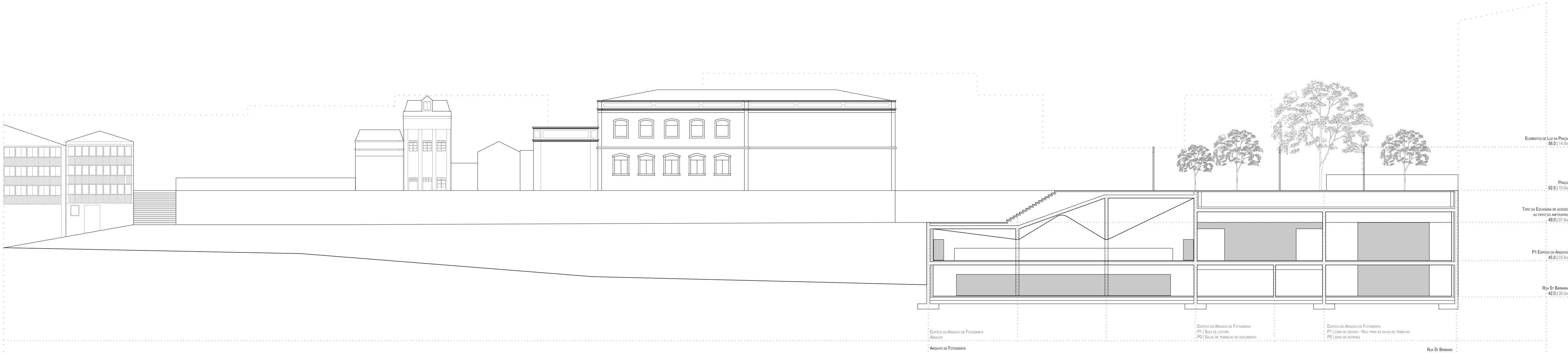


PD 23 | PLANTA DO ESPAÇO EXPOSITIVO PISO 1 | 1:200

0 1 2 3 4 5 10

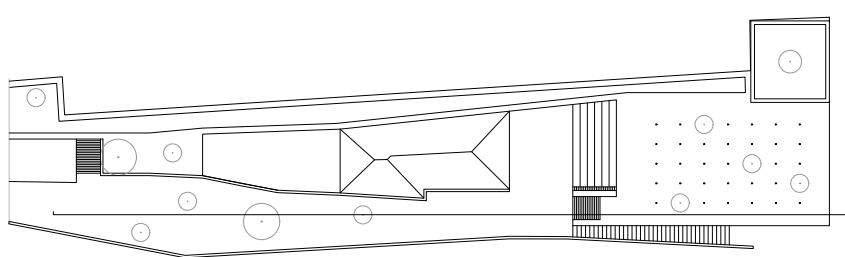
15 PÁTIO (ARQUIVO)
25 PRAÇA
26 ANFITEATRO
31 ESPAÇO EXPOSITIVO (GALERIAS)
32 SALA DE RETROPROJEÇÃO
33 GABINETE DE APOIO

ABRIR

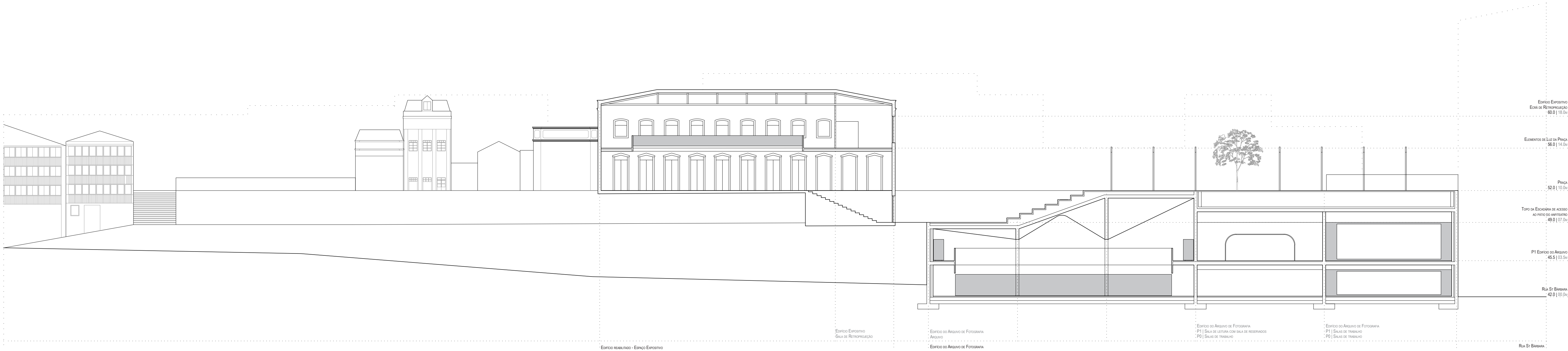


PD 24 | Corte C | Escala 1:200

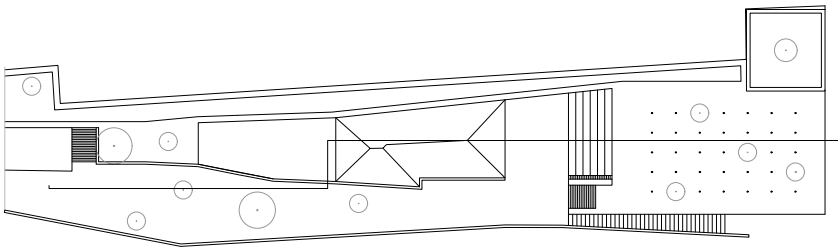
0 1 2 3 4 5 10

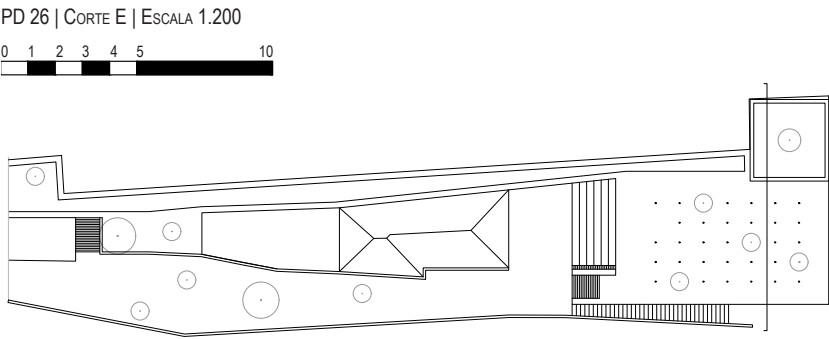
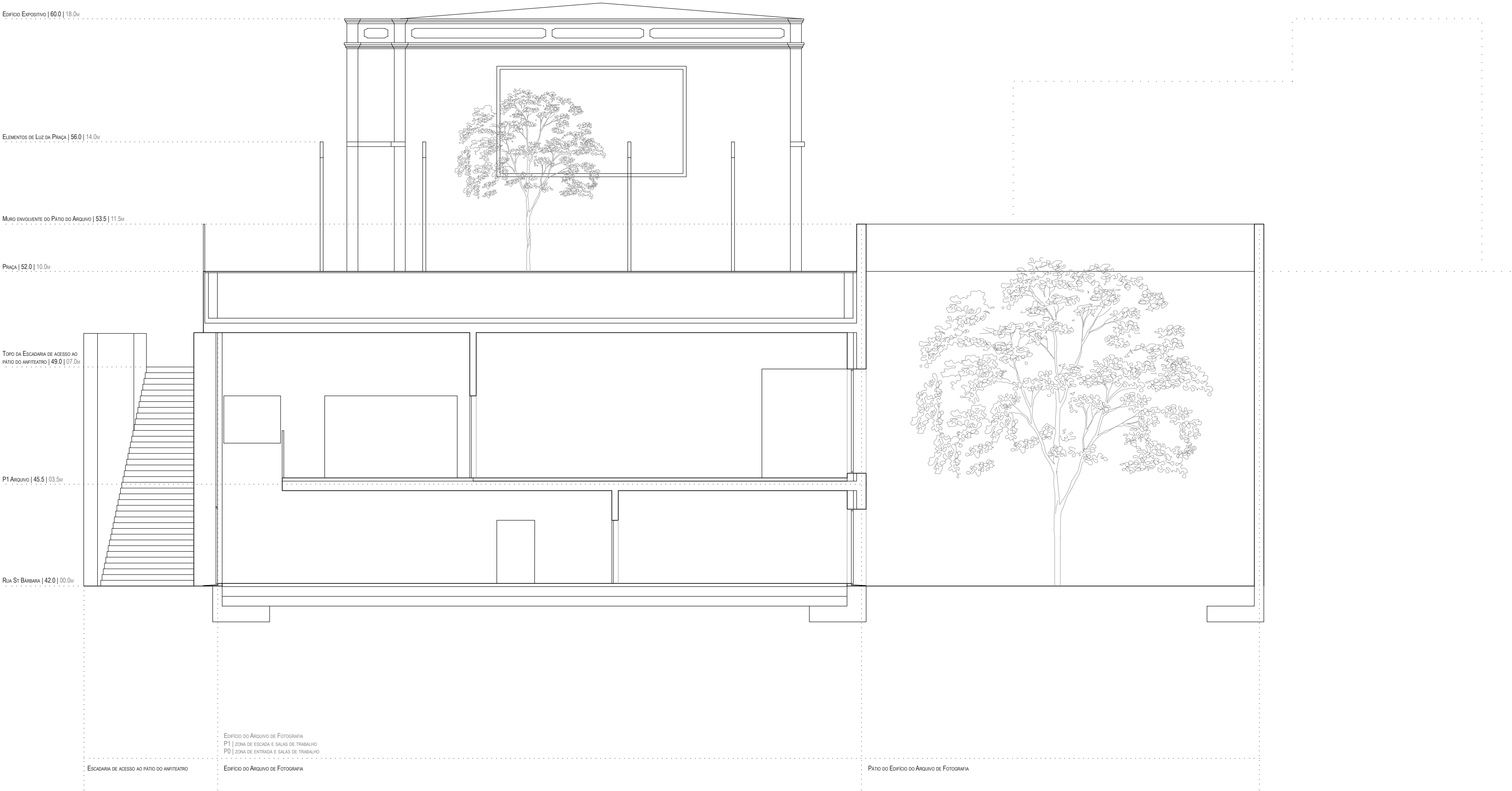


ABRIR



PD 25 | Corte D | Escala 1:200
0 1 2 3 4 5 10





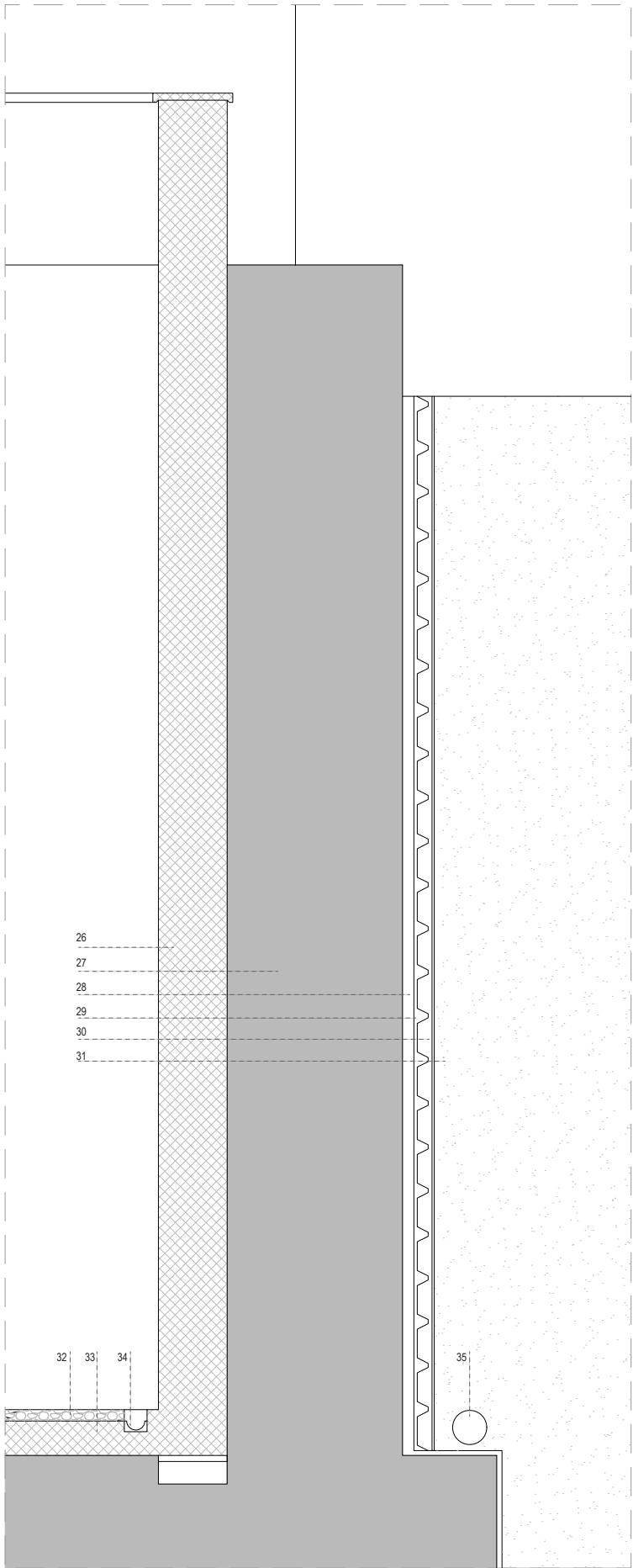
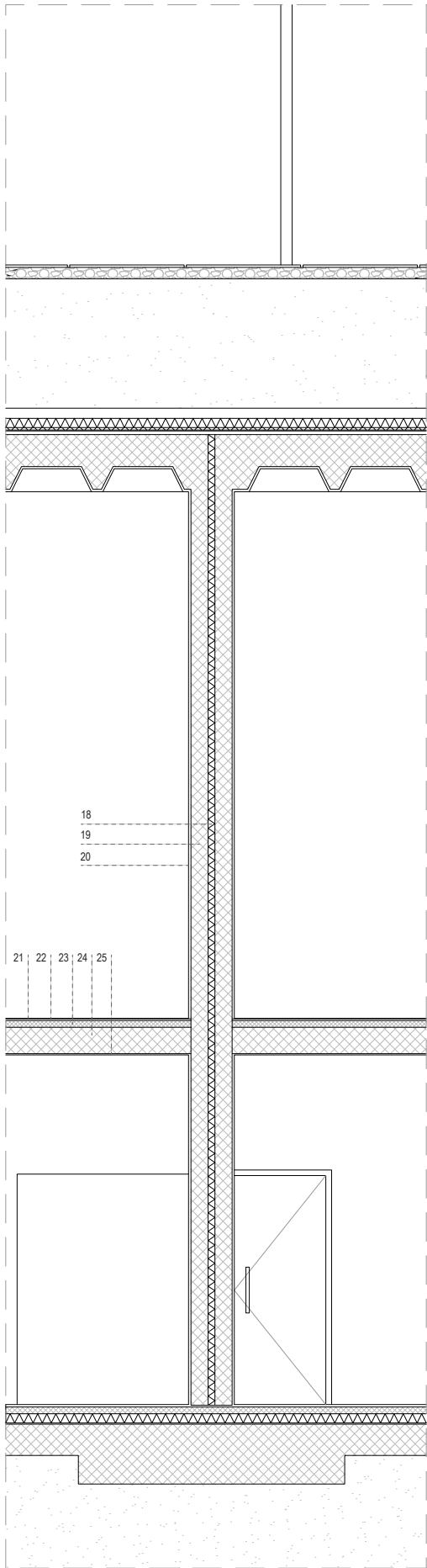
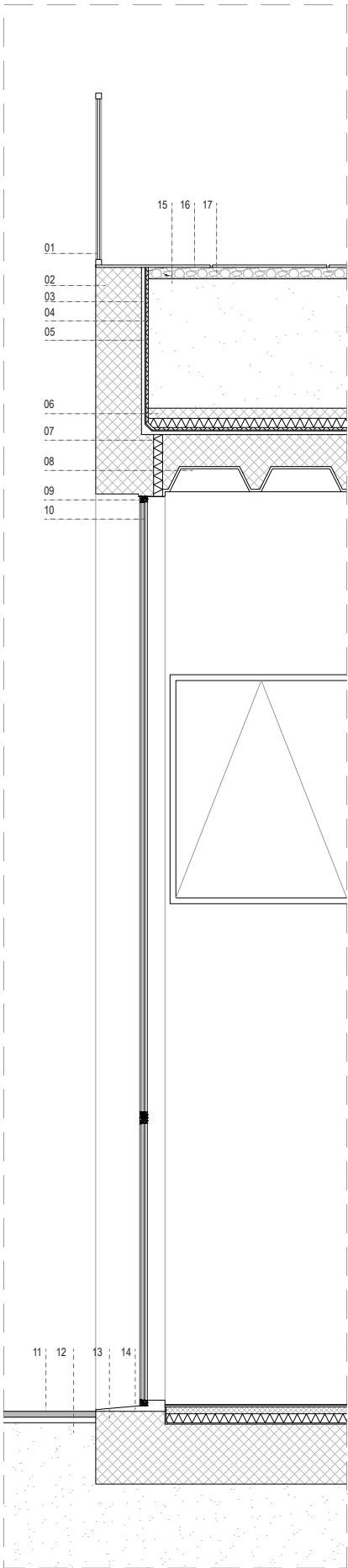


PD 27 | IMAGEM 3D - VISTA DA ENTRADA DO ARQUIVO, COM O ACESSO PÚBLICO À PRAÇA E RELAÇÃO COM A RUA SANTA BÁRBARA

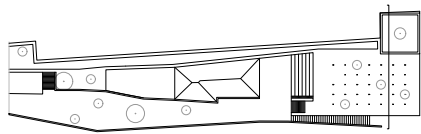
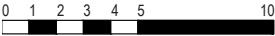


IMG 81 | RUA SANTA BÁRBARA | O INÍCIO DA RUA SANTA BÁRBARA É UM LOCAL CONFUSO E DESPREOCUPADO, O CAOS CRIADO PELA VIVÊNCIA AUTOMÓVEL E O ABANDONO DA ZONA VERDE QUE OUTRORA CRIADA TRANSFORMA ESTA ZONA NUMA ÁREA PROPÍCIA À REVITALIZAÇÃO URBANA PROPOSTA.

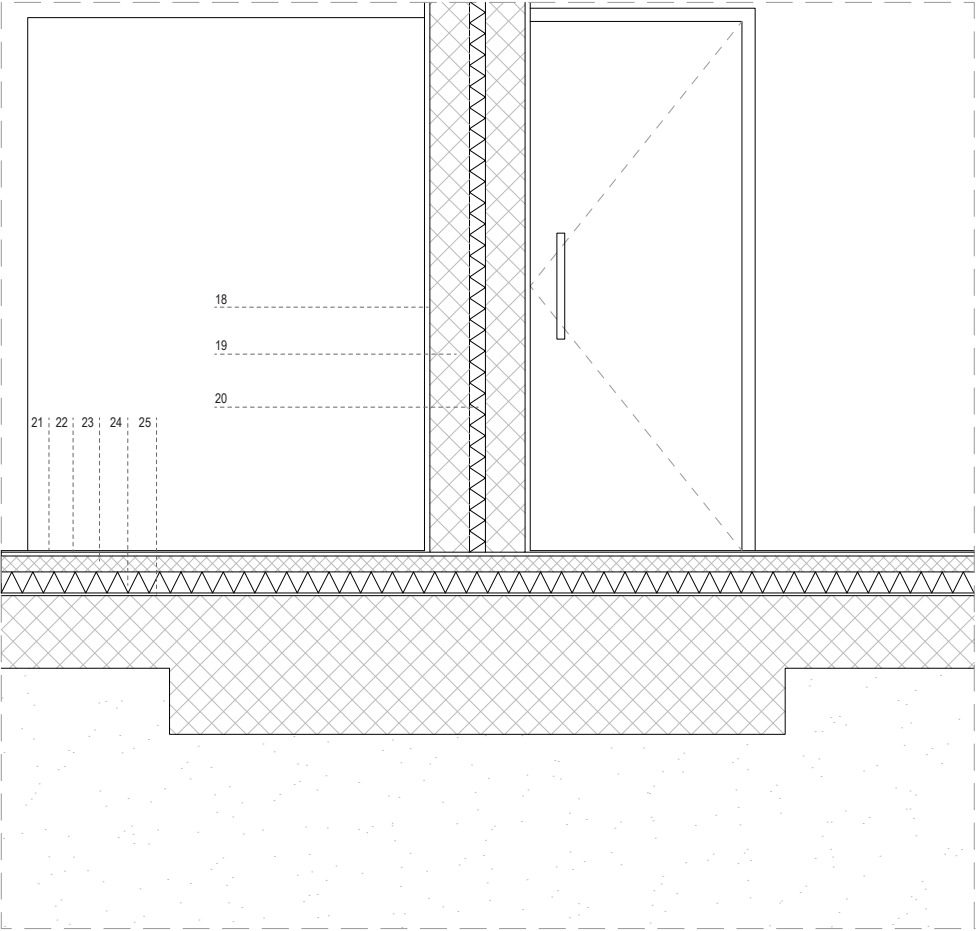
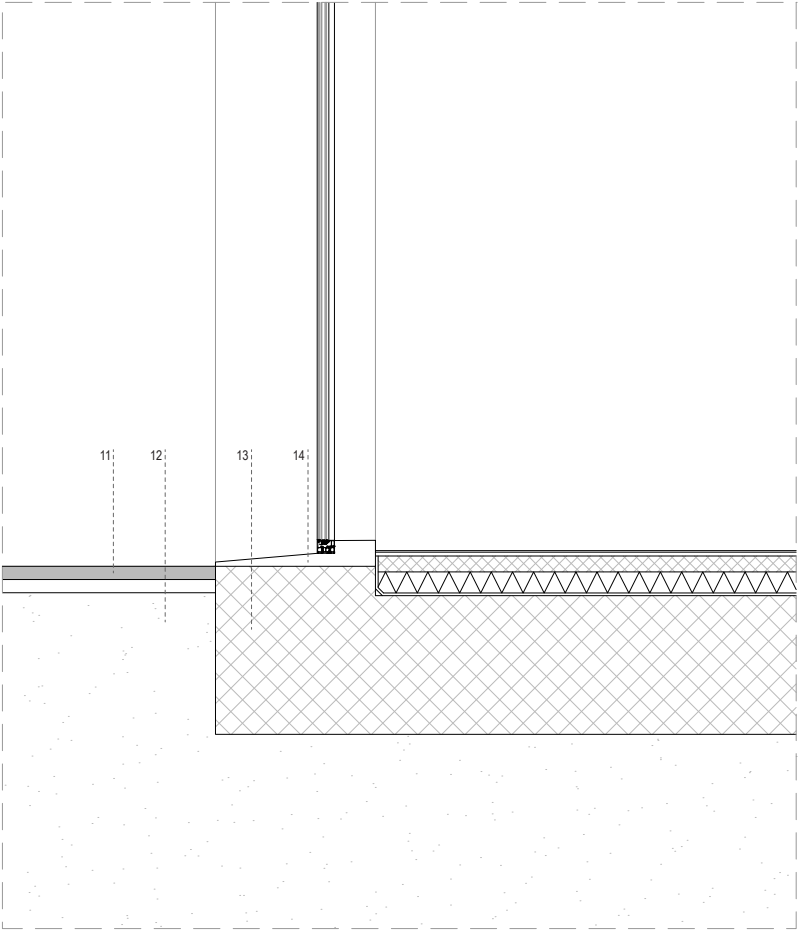
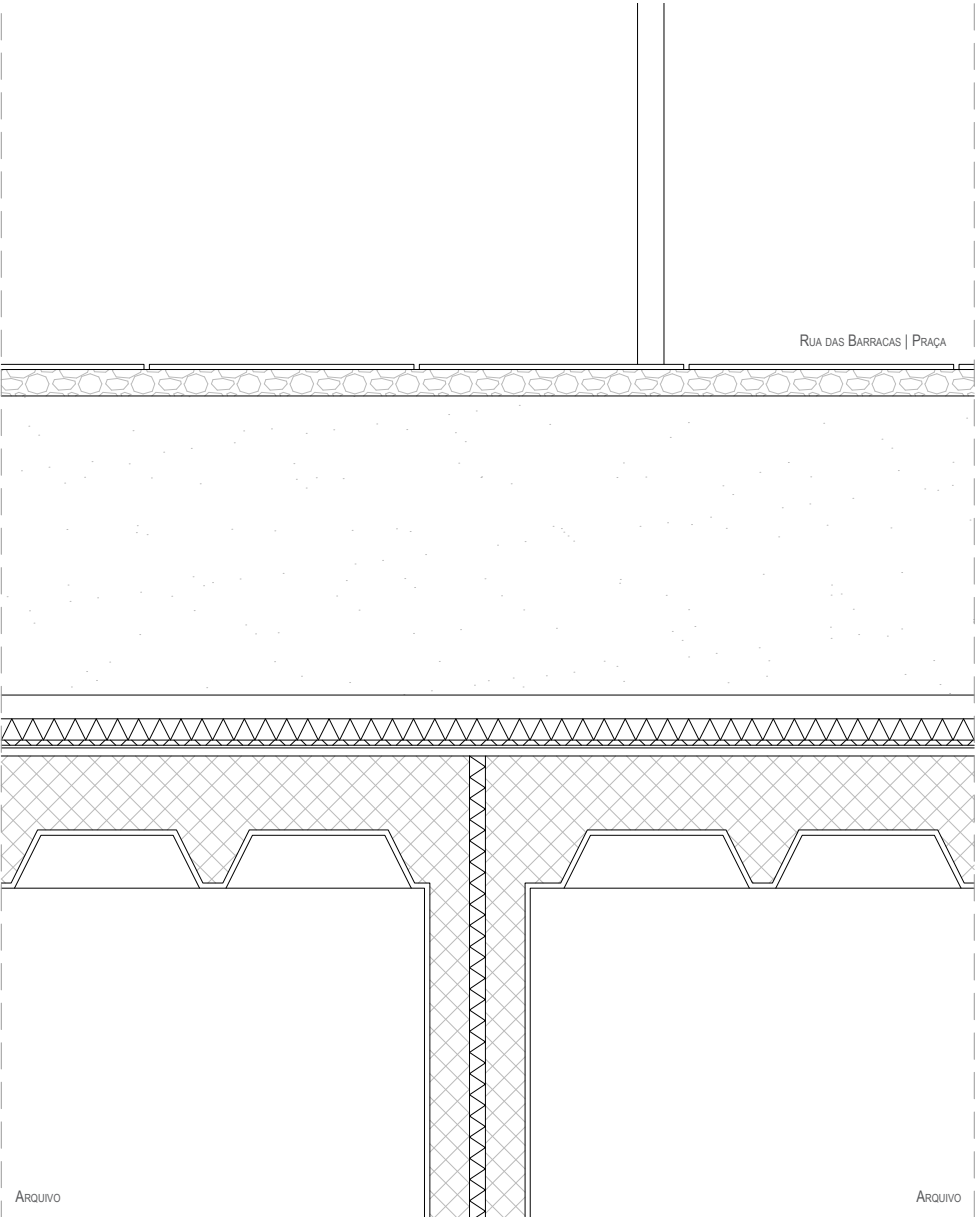
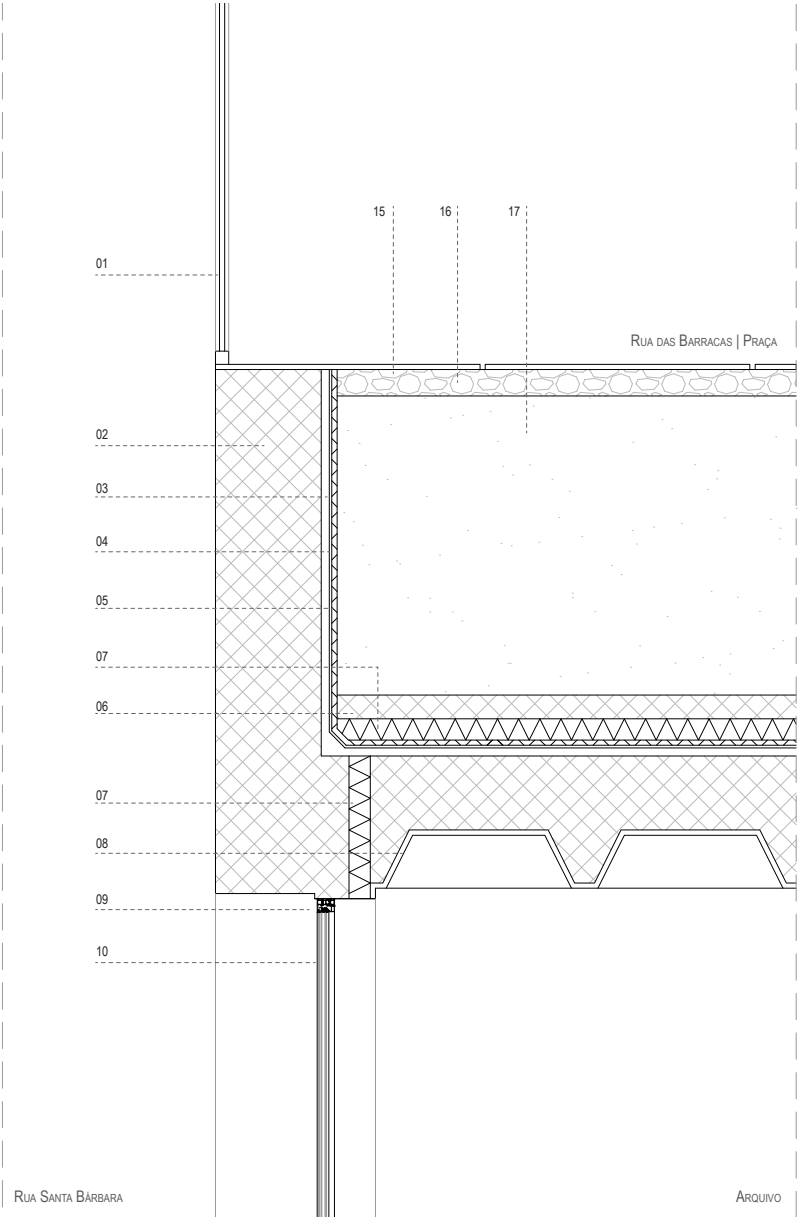
01	GUARDA DA PRAÇA VIDRO E AÇO INOX
02	BETÃO
03	CAMADA DE FORMA
04	CAIXA DE AR 10MM
05	IMPERMEABILIZAÇÃO 20MM
06	BETÃO
07	ISOLAMENTO TÉRMICO 80MM
08	LAJE FUNGIFORME DE BETÃO
09	CAIXILHO FIXO
10	VIDRO TEMPERADO
11	PAVIMENTO EXTERIOR
12	TERRA
13	BETÃO
14	EDIFÍCIO SOLEIRA DE PEDRA
15	TERRA VEGETAL
16	PAVIMENTO DA PRAÇA PEDRA
17	GRAVILHA
18	ISOLAMENTO TÉRMICO 80MM
19	BETÃO
20	REBOCO
21	EDIFÍCIO PAVIMENTO EM BETÃO AFAGADO
22	AUTO - NIVELANTE
23	BETONILHA
24	BETÃO
25	REBOCO
26	PAREDE DE BETÃO
27	MURO DE CONTENÇÃO BETÃO ARMADO
28	PLACA DE PVC PITONADA REVESTIDA COM ALCATRÃO
29	MANTA GEOTEXTIL
31	TERRA
32	EDIFÍCIO PAVIMENTO EXTERIOR
33	GRAVILHA
34	TUBO DE DRENAGEM COM GRELHA INOXIDÁVEL
35	TUBO DE DRENAGEM



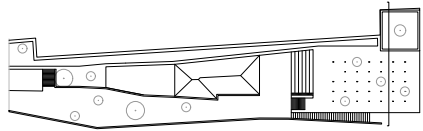
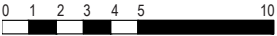
PD 28 | CORTE CONSTRUTIVO | ESCALA 1.50



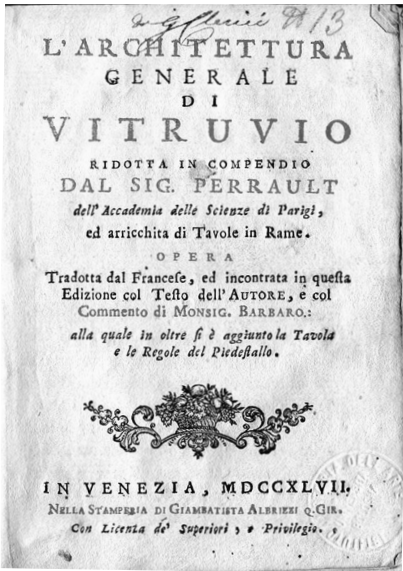
- 01 GUARDA DA PRAÇA | VIDRO E AÇO INOX
- 02 BETÃO
- 03 CAMADA DE FORMA
- 04 CAIXA DE AR | 10MM
- 05 IMPERMEABILIZAÇÃO | 20MM
- 06 BETÃO
- 07 ISOLAMENTO TÉRMICO | 80MM
- 08 LAJE FUNGIFORME DE BETÃO
- 09 CAIXILHO FIXO
- 10 VIDRO TEMPERADO
- 11 PAVIMENTO EXTERIOR
- 12 TERRA
- 13 BETÃO
- 14 EDIFÍCIO | SOLEIRA DE PEDRA
- 15 TERRA VEGETAL
- 16 PAVIMENTO DA PRAÇA | PEDRA
- 17 GRAVILHA
- 18 ISOLAMENTO TÉRMICO | 80MM
- 19 BETÃO
- 20 REBOCO
- 21 EDIFÍCIO | PAVIMENTO EM BETÃO AFAGADO
- 22 AUTO - NIVELANTE
- 23 BETONILHA
- 24 BETÃO
- 25 REBOCO



PD 29 | CORTE CONSTRUTIVO | ESCALA 1.20



60 | CITAÇÃO DISPONÍVEL EM: VITRÚVIO POLIÃO, Marco. Séc. I a.C. De Architectura [Os dez livros de arquitetura de Vitrúvio (trad. e edição de Maria Helena Rua). Lisboa: Departamento de Engenharia Civil do I.S.T., 1998]



IMG 82 | LIVRO DE VITRUVIO



IMG 83 | ARRUAMENTO, RUA DAS BARRACAS

CONCLUSÃO

A qualificação do espaço público, não se baseia exclusivamente na requalificação estética, mas dá também importância à intervenção na vivência urbana e social de um bairro em ruína e abandono, como é o caso da Rua das Barracas, e parte da sua envolvente. A reorganização das acessibilidades, a redefinição de espaços de coletivos e novas soluções de permanência compõem a ideia do espaço público.

Existem ideias, recordações e conceitos que encontramos guardados na nossa memória e que utilizamos no dia-a-dia. A disciplina da arquitetura é vasta e estudada por nomes importantes que nos fazem olhar para a arte com um outro olhar mais desperto, mais crítico, poético, emocional e até conceptual. Vitruvius⁶⁰ afirmava que a arquitetura tinha que ter em especial atenção três pontos, que ajudariam na conceção da obra – Firmitas, Utilitas e Venustas.

*“Em todos os tipos de Edifícios é preciso tomar atenção para que a Solidez, a Utilidade e a Beleza aí se encontrem. Para a Solidez, deve ter-se principalmente atenção às fundações que devem ser escavadas até à rocha, e serem construídas pelos melhores materiais que se podem obter sem nada economizar. A Utilidade obriga a que se disponha o Edifício tão a propósito que nada seja impeditivo ao Uso a que se destina; de forma que cada coisa seja colocada no seu local, e que tenha tudo aquilo que lhe seja próprio e necessário. E enfim a Beleza para ser perfeita na Edificação, necessita que a sua forma seja agradável e elegante na justa proporção de todos os seus componentes.”*⁶⁰

Resumindo, o reabilitar da cidade e da sua configuração urbana pode ainda apresentar-se como uma prática crítica e não descoberta, que se assume como heterogénea e heterotópica, um verdadeiro dispositivo em constante mutação.



PD 30 | IMAGEM 3D - VISTA DA VIVÊNCIA CRIADA NA NOVA PRAÇA.



IMG 69 | RUA DAS BARRACAS | UM DOS EDIFÍCIOS DEVOLUTOS QUE OPTEI POR DEMOLIR TENTANDO CONSTRUIR UMA NOVA IDEIA DE REABILITAÇÃO URBANA NESTA PEQUENA RUA DA CIDADE DE LISBOA, ENTALADA ENTRE DUAS GRANDES ZONAS. A AVENIDA ALMIRANTE REIS E O CAMPO SANTANA.

BIBLIOGRAFIA | WEBGRAFIA

AMAR, PIERRE-JEAN – HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA. EDIÇÕES 70 LTD, 2001. 121 p. ISBN 978-972-44-1382-2

AYTON, MARK; TAMEN, PEDRO – MÁRIO NOVAIS: EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS 1940. LISBOA: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. ARQUIVO DE ARTE DO SERVIÇO DE BELAS ARTES, 1998. 91 p. ISBN 972-678-027-6

BELO, DUARTE - PORTUGAL - LUZ E SOMBRA, O PAÍS DEPOIS DE ORLANDO RIBEIRO. 1ªED. PORTUGAL: CÍRCULO DE LEITORES/TEMAS E DEBATES, 2012. 11 p. ISBN 978-989-644-186-9

BERDINI, PAOLO – WALTER GROPIUS. 2ª ED. BARCELONA: GUSTAVO GILI, 1983. 284 p. ISBN 84-252-1297-9

CALVINO, ÍTALO - AS CIDADES INVISÍVEIS [LE CITTÀ INVISIBILE]. 3ªED. LISBOA: DOM QUIXOTE, 2015. 11 p. ISBN: 9789722057097

COLOMINA, BEATRIZ – PRIVACY AND PUBLICITY: MODERN ARCHITECTURE AS MASS MEDIA. 4ªED. CAMBRIDGE (MASS.): MIT PRESS, 1998. 389 p. ISBN 0262531399 [ARCHITETURE IS MORE THAN BUILDINGS THAT WE CAN EXPERIENCE FIRSTHAND, IT ALSO EXISTS AS A REPRESENTATION THROUGH DRAWINGS, PHOTOGRAPHS, WRITINGS, FILMS, OR ADVERTISINGS.]

DROSTE, MAGDALENA – A BAUHAUS 1919-1933 / BAUHAUS ARCHIV. KÖLN: TASCHEN, 1994. 256 p. ISBN 3822804908

PORTUGAL. CENTRO CULTURAL DE BELÉM; CO-AUTOR VALTORTA, ROBERTA. GABRIELE BASILICO: A EXPERIÊNCIA DOS LUGARES: FOTOGRAFIAS 1978-1993. TAVAGNACCO : ART &, 1997. ISBN 88- 86550-04-9. p.4

SENA, ANTÓNIO – HISTÓRIA DA IMAGEM FOTOGRÁFICA EM PORTUGAL, 1839-1997. PORTO: PORTO EDITORA, 1998. 470 p. ISBN 972-0-06265-7

VITRÚVIO POLÍÃO, MARCO. SÉC. I A.C. DE ARCHITECTURA [OS DEZ LIVROS DE ARQUITETURA DE VITRÚVIO (TRAD. E EDIÇÃO DE MARIA HELENA RUA). LISBOA: DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL DO I.S.T., 1998]



PD 31 | IMAGEM 3D - VISTA GERAL SOBRE A VIVÊNCIA CRIADA NA NOVA PRAÇA.



IMG 84 | RUA DAS BARRACAS | ZONA A REQUALIFICAR ATRAVÉS DA REORGANIZAÇÃO E REDEFINIÇÃO DESTES ESPAÇOS PARA ESPAÇO PÚBLICO.

BIBLIOGRAFIA | WEBGRAFIA

AVENIDA ALMIRANTE REIS, ESTUDO PRÉVIO. DISPONÍVEL EM: <WWW.ESTUDOPREVIO.NET/ARTIGOS/85/AVENIDA-ALMIRANTE-REIS-DIAGNOSTICO-URBANO>. ACESSO EM: 20 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE ALDO ROSSI. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/ALDO-ROSSI>. ACESSO EM: 16 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE ALMIRANTE CARLOS CÂNDIDO DOS REIS. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.MARINHA.PT/PT-PT/HISTORIA-ESTRATEGIA/HISTORIA/NOVE-SEculos-SERVICO-PORTUGAL/PAGINAS/ALMIRANTE-CANDIDO-DOS-REIS.ASPX>. ACESSO EM: 16 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE CARLOS MARDEL. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WEBCACHE.GOOGLEUSERCONTENT.COM/SEARCH?Q=CACHE:HTTP://ACASASENHORIAL.CASARUIBARBOSA.GOV.BR/INDEX.PHP/ARTISTAS/48-ARTISTAS/539-CARLOS-MARDEL-1695-1763>. ACESSO EM: 20 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE ERNEST NATHAN ROGERS. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.TRECCANI.IT/ENCICLOPEDIA/ERNESTO-NATHAN-ROGERS_%28ENCICLOPEDIA-ITALIANA%29/. ACESSO EM: 16 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE ERNEST MAY. DISPONÍVEL EM: <HTTP://ERNST-MAY-GESELLSCHAFT.DE/ERNST-MAY/BIOGRAFIE.HTML>. ACESSO EM: 20 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE EUGÉNIO DOS SANTOS E CARVALHO. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://ARQUIVOS.RTP.PT/CONTEUDOS/EUGENIO-DOS-SANTOS/#\$THASH.xErQnHLV.dpbs>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE EZRA STOLLER. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/EZRA-STOLLER>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE EDWARD JEAN STEICHEN. DISPONÍVEL EM: < HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/EDWARD-STEICHEN>. ACESSO EM: 12 DE MAIO 2018.

BIOGRAFIA DE FERNANDO GUERRA. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://PAMPATRIMONIOARTESEMUSEUS.WORDPRESS.COM/TAG/LAMEGO>. ACESSO EM: 16 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE FILIPE FOLQUE. DISPONÍVEL EM: < HTTP://ARQUIVOMUNICIPAL.CM-LISBOA.PT/FOTOS/EDITOR2/CADERNOS/CAD3/36.PDF>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE FRANCESC CATALÀ-ROCA. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.MUSEOREINASOFIA.ES/COLECCION/AUTOR/CATALA-ROCA-FRANCESC>. ACESSO EM: 16 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE FRANCISCO MANUEL LUMBRALES DE SÁ CARNEIRO. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.PSD.PT/LIDER.PHP?i=4>. ACESSO EM: 16 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE FRANCISCO ROCCHINI. DISPONÍVEL EM: <HTTP://DIGITARQ.CPF.ARQUIVOS.PT/DETAILS?ID=39163>. ACESSO EM: 23 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE FRANÇOISE CHOAY. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BABELIO.COM/AUTEUR/FRANCOISE-CHOAY/28816>. ACESSO EM: 23 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE FRANK L. WRIGHT. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/FRANK-LLOYD-WRIGHT>. ACESSO EM: 16 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE FREDERICO RESSANO GARCIA. DISPONÍVEL EM: <HTTP://HEMEROTECADIGITAL.CM-LISBOA.PT/RECURSOSINFORMATIVOS/BIOGRAFIAS/TEXTOS/RESSANO GARCIA.PDF>. ACESSO EM: 23 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE GEORGE EUGÈNE BARON HAUSSMANN. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/GEORGES-EUGENE-BARON-HAUSSMANN>. ACESSO EM: 23 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE HENRI CARTIER-BRESSON. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.HENRICARTIERBRESSON.ORG/EN/HCB>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017

BIOGRAFIA DE ILDEFONSO CERDÀ. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.ICERDA.ORG/ES/ILDEFONS-CERDA/P/3>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017

BIOGRAFIA DE JOAQUIM POSSIDÔNIO NARCISO DA SILVA. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.AATT.ORG/SITE/INDEX.PHP?OP=NUCLEO&ID=1606>. ACESSO EM: 23 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE JOSÉ CAMPOS. DISPONÍVEL EM: < HTTP://JOSECAMPOSPHOTOGRAPHY.COM/ABOUT>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017

BIOGRAFIA DE JOSEPH NICÉPHORE NIÉPCE. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/NICEPHORE-NIEPCE>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017

BIOGRAFIA DE JÚLIO ANTÓNIO VIEIRA DA SILVA PINTO. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://TOPONIMALISBOA.WORDPRESS.COM/2016/04/04/A-RUA-DO-AUTOR-DA-CARTOGRAFIA-DE-LISBOA-CONHECIDA-COMO-LEVANTAMENTO-DE-SILVA-PINTO/>. ACESSO EM: 23 DE NOVEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE KARL EMIL BIEL. DISPONÍVEL EM: <HTTP://DIGITARQ.CPF.ARQUIVOS.PT/DETAILS?ID=39711>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE LE CORBUSIER. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/LE-CORBUSIER>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE LUCIEN HERVÉ. DISPONÍVEL EM: <HTTP://ADROPOFART.COM/ARTIST/205/LUCIEN-HERVE>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE LUDWING HILBERSEIMER. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/LUDWIG-HILBERSEIMER>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE MANUEL DA MAIA. DISPONÍVEL EM: <HTTP://ENSINA.RTP.PT/ARTIGO/MANUEL-DA-MAIA-O-ENGENHEIRO-DE-LISBOA-APOS-O-TERRAMOTO/>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE MÁRIO NOVAIS. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://FLICKR.COM/PHOTOS/BIBLARTE/COLLECTIONS/72157606056616635/>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE MICHEL FOUCAULT. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/MICHEL-FOUCAULT>. ACESSO EM: 12 DE MAIO 2018.

BIOGRAFIA DE MICHAEL LANGFORD. DISPONÍVEL EM: <HTTP://MIKELANGFORD.CO.NZ/>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE ORLANDO RIBEIRO. DISPONÍVEL EM: <WWW.ORLANDO-RIBEIRO-INFO/RENOVADOR/INDEX.HTM>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE RICHARD SALKELD. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.GLOS.AC.UK/ACADEMIC-SCHOOLS/ART-AND-DESIGN/STAFF-PROFILES/PAGES/s2100615-RICHARD-SALKELD.ASPX>. ACESSO EM: 01 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE ROBERT SMITHSON. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/ROBERT-SMITHSON>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://ARQUIVOS.RTP.PT/CONTEUDOS/MARQUES-DE-POMBAL/#\$THASH.ZxNBrEYD.dpbs>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE SEBASTIÃO RIBEIRO SALGADO JÚNIOR. DISPONÍVEL EM: <HTTP://SOCIEDADEDOSPOETASAMIGOS.BLOGSPOT.PT/2012/10/SEBASTIAO-RIBEIRO-SALGADO-JUNIOR.HTML>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

BIOGRAFIA DE STEPHEN SHORE. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.NYTIMES.COM/2007/05/18/ARTS/DESIGN/18SHOR.HTML>. ACESSO EM: 12 DE MAIO 2018.

BIOGRAFIA DE SUSAN SONTAG. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/SUSAN-SONTAG>. ACESSO EM: 01 DE DEZEMBRO 2017

BIOGRAFIA DE TONY GARNIER. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/BIOGRAPHY/TONY-GARNIER>. ACESSO EM: 01 DE DEZEMBRO 2017

CITAÇÃO DE FERNANDO GUERRA DISPONÍVEL EM: <HTTPS://FASCINIODAFOTOGRAFIA.WORDPRESS.COM/2017/10/13/FERNANDO-GUERRA-RAIO-X-DE-UMA-PRATICA-FOTOGRAFICA>. ACESSO EM: 01 DE DEZEMBRO 2017.

CITAÇÃO DE ORLANDO RIBEIRO DISPONÍVEL EM: <WWW.ORLANDO-RIBEIRO-INFO/RENOVADOR/INDEX.HTM>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

CITAÇÃO DE HENRI CARTIER-BRESSON DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.HENRICARTIERBRESSON.ORG/EN/HCB>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.

CITAÇÃO SOBRE PARIS DE HAUSSMANN DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.CCB.PT/DEFAULT/PT/GARAGEMSUL/EXPOSICOES/EXPOSICAO?A=1255>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

CITAÇÃO SOBRE BARCELONA DE CERDÀ DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/BR/880894/O-PLANO-CERDA-DE-BARCELONA-DE-UMA-NOVA-PERSPECTIVA-NESSA-FOTOGRAFIA-AEREA>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

CITAÇÃO SOBRE UNE CITÉ INDUSTRIELLE DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.BRITANNICA.COM/TOPIC/CITE-INDUSTRIELLE>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

CITAÇÃO SOBRE BROADACRE CITY DISPONÍVEL EM: <HTTP://VITRUVIUS.COM.BR/REVISTAS/READ/ARQUITEXTOS/08.095/148>. ACESSO EM: 12 DE DEZEMBRO 2017.

CITAÇÃO DE FOUCAULT DISPONÍVEL EM: <A CONFISSÃO DA CARNE (1977) ENTREVISTA. EM POWER / KNOWLEDGE SELECTED ENTREVISTAS E OUTROS ESCRITOS (ED COLIN GORDON), 1980: PP. 194-228>. ACESSO EM: 10 DE MAIO 2018.

CITAÇÃO DE STEPHEN SHORE DISPONÍVEL EM: "STEPHEN SHORE'S BEST SHOT" BY LEO BENEDICTUS, WWW.THEGUARDIAN.COM. SEPTEMBER 26, 2007.>. ACESSO EM: 12 DE MAIO 2018.

CITAÇÃO DE STEPHEN SHORE DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.AMERICANSUBURBX.COM/2010/12/STEPHEN-SHORE-UNCOMMON-PLACES-2004.HTML>. ACESSO EM: 12 DE MAIO 2018.

DEFINIÇÃO DE PELTRE. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.INFOPEDIA.PT/DICIONARIOS/LINGUA-PORTUGUES-PELTRE>. ACESSO EM: 01 DE DEZEMBRO 2017.

DEFINIÇÃO DE FOTOGRAFIA. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.INFOPEDIA.PT/DICIONARIOS/LINGUA-PORTUGUESA/FOTOGRAF%C3%ADA>. ACESSO EM: 01 DE DEZEMBRO 2017.

HISTÓRIA DA CIDADE DE LISBOA. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://ARQUIVOS.RTP.PT/CONTEUDOS/O-TERRAMOTO-DE-1755-E-O-NASCIMENTO-DA-LISBOA-NOVA/#\$THASH.QBA5Pr3r.dpbs>. ACESSO EM: 20 DE NOVEMBRO 2017.

HISTÓRIA DA REAL ASSOCIAÇÃO DE ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUESES. DISPONÍVEL EM: <DIGITARQ.ARQUIVOS.PT/DETAILS?ID=4221413>. ACESSO EM: 03 DE DEZEMBRO 2017.



2018